



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Bacharelado em Tradução

MENINO DE ENGENHO (JOSÉ LINS DO REGO) NA FRANÇA: UM
ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO DE DUAS TRADUÇÕES

Flora Marina Figueiredo Ajala
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marta Pragana Dantas

João Pessoa
Setembro de 2013

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Bacharelado em Tradução

Flora Marina Figueiredo Ajala

***MENINO DE ENGENHO* (JOSÉ LINS DO REGO) NA FRANÇA: UM
ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO DE DUAS TRADUÇÕES**

Trabalho apresentado ao Curso de Bacharelado em
Tradução da Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de Bacharelado em
Tradução.

Prof.^a Dr.^a Marta Pragana Dantas, orientadora

João Pessoa
Setembro de 2013

FLORA MARINA FIGUEIREDO AJALA

MENINO DE ENGENHO (JOSÉ LINS DO REGO) NA FRANÇA: UM ESTUDO
DESCRITIVO-COMPARATIVO DE DUAS TRADUÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Tradução, da Universidade Federal da Paraíba.

Data de Aprovação:

___/___/___

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^a. Marta Pragana Dantas
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof^ª Ms. Ana Cristina Bezerril Cardoso
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Ms. Daniel Antônio de Sousa Alves
Examinador
Universidade Federal da Paraíba

DEDICATÓRIA

Aos meus avós Nestor, Ruth e Analcy;
À minha mãe Lílían e ao meu pai Lourimar;
Aos meus irmãos, Vinícius, Caellum, Brisa, Mariah e Vida.

AGRADECIMENTOS

“Como posso retribuir ao Senhor toda a sua bondade para comigo?”

Salmos 116:12

Ao Maravilhoso Conselheiro, por seu infinito Amor e sua maravilhosa Graça.

Aos meus avós, Nestor, Ruth e Analcy: sinto um imenso orgulho por ser parte de vocês. O melhor dos agradecimentos não seria capaz de expressar minha gratidão pelo amor e dedicação que recebi de cada um. As palavras, orações e ações me revelaram o Amor. Muito obrigada!

À minha mãe Lílían e ao meu pai Lourimar, pelo amor e cuidado. Obrigada por cada minuto gasto comigo, pelas palavras, viagens, conselhos e por nosso laço de amor. Sem vocês, eu não teria conseguido. Obrigada por confiarem em mim, vocês me inspiram a seguir em frente.

Ao meu tio e amigo Nestor, pela presença preciosa durante meu desenvolvimento, pelos conselhos, por me levar ao mundo de José Lins do Rego e pelo auxílio na produção desse trabalho.

À professora e orientadora Marta Pragana, por me orientar com dedicação, pelo incentivo durante a produção deste trabalho (e de outros), pelos livros emprestados e recomendados, pelos artigos compartilhados e pelas conversas sempre proveitosas. Muito obrigada pelo tempo, atenção e paciência dispensados no acompanhamento desse trabalho. E obrigada por me lembrar que: ‘a vida é dinâmica!’

Aos professores que aceitaram compor a banca. À professora Ana Cristina, pelas aulas de francês, pelos conselhos, por acreditar e se dedicar de forma admirável aos seus alunos. Ao professor Daniel Alves, por sua dedicação ao ensino demonstrado em todas as disciplinas que ministrou e pela orientação nessa fase final do curso. Ao professor Roberto Carlos de Assis, por sua luta no começo do curso, por ter se desdobrado em muitos professores no primeiro período e por seguir nos acompanhando (e se desdobrando) mesmo que do lado de fora da sala de aula.

Aos que foram e aos que seguem como professores de Tradução, Maura Regina Dourado, Roberto Carlos de Assis, Tânia Liparini Campos, Marta Pragana Dantas, Ana Cristina Bezerril Cardoso, Daniel Antônio de Sousa Alves, Andrea Cristiane Kahmann, Luciane Leipnitz, Wiebke Röben de Alencar Xavier, pelo empenho em desenvolver o curso.

À tradutora Paula Anacaona, por ter me recebido com atenção desde o primeiro momento, pela entrevista concedida, pela disposição em continuar colaborando mesmo que a distância, pela troca de materiais e pela contribuição que não se limitou a esse trabalho. *Merci beaucoup!*

A Rafaella e Flaviana Estrela, pela colaboração e disposição em me “emprestar” um endereço em Paris e me enviar as traduções. Muito obrigada por tornar possível a realização desse trabalho!

Aos amigos de perto e de longe: vocês são fundamentais! Meu muito obrigada pelos ouvidos atentos, conselhos, paciência, desejos de sucesso e orações!

« C'est à travers sa littérature qu'on apprend le mieux un pays étranger »

Simone de Beauvoir « *La force de l'âge* »

RESUMO

O presente trabalho analisa as escolhas tradutórias nas duas edições francesas de *L'Enfant de la plantation* (1953 e 2013), traduções do romance *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego. O estudo se apoia no modelo para descrição de tradução desenvolvido por Lambert e Van Gorp (2011), bem como nas reflexões de Genette (2009) sobre os paratextos editoriais. Tem por objetivo verificar as implicações das escolhas e o significado das mesmas para a obra traduzida e dentro do contexto histórico e cultural em que se encontra inserida. Com a análise descritivo-comparativa das traduções, nos deparamos com resultados que revelam, por meio das diferenças na produção das obras, o desenvolvimento nos Estudos da Tradução no período de sessenta anos que distancia a primeira tradução da segunda. Com isso, podemos confirmar a importância dos paratextos e dos discursos de acompanhamento para a inserção e contextualização das obras traduzidas em determinado país.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; José Lins do Rego; *Menino de engenho*; *L'Enfant de la plantation*.

RÉSUMÉ

Cette étude analyse les choix de traduction dans les deux éditions françaises *L'Enfant de la plantation* (1953 et 2013), traductions du roman *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego. Elle s'appuie sur le modèle de description de traduction développé par Lambert et Van Gorp (2011), de même que sur les réflexions de Genette (2009) sur les paratextes éditoriaux. L'étude a pour objectif vérifier les implications des choix et leur signification pour l'œuvre traduite et dans le contexte historique et culturel dans lequel elle est insérée. À partir de l'analyse descriptive et comparative des traductions, nous avons obtenu des résultats qui révèlent, par de différences dans la production des œuvres, le développement de la Traductologie dans la période qui sépare la première traduction de la seconde. Ainsi, nous pouvons confirmer l'importance des paratextes et des discours d'accompagnement pour la contextualisation des œuvres traduites dans un pays.

Mots-clés : Traductologie; José Lins do Rego; *Menino de engenho* ; *L'Enfant de la plantation* ; .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Esquema com os parâmetros básicos dos fenômenos tradutórios proposto por Lambert e Lefevere (1978).	31
Figura 2	Capa <i>L'Enfant de la plantation</i> (1953).	35
Figura 3	Quarta capa <i>L'Enfant de la plantation</i> (1953).	37
Figura 4	Página de rosto <i>L'Enfant de la plantation</i> (1953).	38
Figura 5	Capa <i>L'Enfant de la plantation</i> (2013).	40
Figura 6	Quarta capa <i>L'Enfant de la plantation</i> (2013).	41
Figura 7	Página de rosto <i>L'Enfant de la plantation</i> (2013).	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Descrição do documento enviado no dia 7 de agosto de 1952.	23
Quadro 2	Descrição do documento enviado no dia 22 de agosto de 1952.	24
Quadro 3	Descrição do documento enviado no dia 4 de setembro de 1952.	24
Quadro 4	Reprodução do esquema sintetizado para a descrição de tradução.	33
Quadro 5	Levantamento das obras presentes na <i>Collection Rive Ouest</i> .	37
Quadro 6	Quadro recapitulativo.	44
Quadro 7	Levantamento das notas de rodapé presentes nas traduções.	48
Quadro 8	Primeiro trecho micronível.	50
Quadro 9	Termos do segundo trecho micronível.	50
Quadro 10	Segundo trecho micronível.	52
Quadro 11	Termos do terceiro trecho micronível.	52
Quadro 12	Terceiro trecho micronível	54

LISTA DE TABELA

Tabela 1	Obras traduzidas de José Lins do Rego.	20
-----------------	--	-----------

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1	Número de traduções publicadas por década.	22
------------------	--	-----------

SUMÁRIO

Introdução, 14

1 JOSÉ LINS DO REGO, 17

1.1 Sobre a escrita e a publicação de *Menino de engenho*, 17

1.2 José Lins traduzido, 18

2 AS TRADUÇÕES DE MENINO DE ENGENHO, 23

2.1 *l'Enfant de la plantation* 1953, 23

2.2 *l'Enfant de la plantation* 2013, 25

3 OS INTERMEDIÁRIOS DA TRADUÇÃO, 27

4 ANÁLISE DESCRITIVO-COMPARATIVA, 31

4.1 Dados preliminares, 33

4.1.1 Análise dos dados preliminares (1953), 35

4.1.2 Análise dos dados preliminares (2013), 39

4.2 Análise macronível, 48

4.3 Análise micronível, 49

Considerações finais, 55

Bibliografia, 56

Apêndice, 58

Apêndice A – Excertos da entrevista concedida pela editora e tradutora Paula Anacaona para a autora desta monografia, 58

Anexos, 62

Anexo A – Termo de Compromisso de Originalidade, 62

Anexo B – Certidão de nascimento de José Lins do Rego (frente e verso), 63

Anexo C – Capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (1953), 65

Anexo D – Quarta capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (1953), 66

Anexo E – Capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (2013), 67

Anexo F – Quarta capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (2013), 68

INTRODUÇÃO

A literatura é uma das formas de se conhecer países e culturas diferentes, e segundo Simone de Beauvoir, “é através da literatura que se conhece melhor um país estrangeiro”. Em alguns casos, o acesso ao país e à literatura só é possível por meio de traduções. Segundo Britto (2012, p.11), “a tradução é uma atividade indispensável em toda e qualquer cultura que esteja em contato com alguma outra cultura que fale um idioma diferente.” No mundo atual, pode-se afirmar que essa atividade é indispensável, seja para comunicação e compreensão, seja para divulgação e conhecimento do que lhe é estrangeiro. No entanto, a produção de uma tradução não é simples e se encontra envolta por inúmeros fatores que direcionam o produto final segundo determinado objetivo ou função dentro do sistema em que a tradução se encontrará inserida.

O interesse por trabalhar com José Lins do Rego surge em virtude da sua importância no Modernismo Brasileiro e no Regionalismo Nordestino, e a escolha do romance *Menino de engenho* vem do fato de ser a primeira obra do escritor, por ter repercutido na época da sua publicação, e por ser a obra mais traduzida do autor. A escolha de trabalhar com as traduções francesas se deve à influência da França e dos franceses no Movimento Modernista Brasileiro e ao posterior conhecimento que tivemos da existência de duas traduções da obra para a língua francesa.

O presente trabalho se insere nos Estudos da Tradução e consiste no estudo descritivo-comparativo de duas traduções da obra *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, para o francês. Para tanto, faz-se necessária a contextualização do autor, da obra e das traduções francesas (1953 e 2013); também se abordam os intermediários da tradução identificados nos processos tradutórios em questão e a análise das traduções. A análise baseia-se no modelo descritivo de tradução literária desenvolvido por Lambert e Van Gorp (2011) em 1985, que permite descrever as traduções e examinar as estratégias em diferentes aspectos, e nas reflexões de Genette (2009) sobre os paratextos editoriais, elementos que contribuem para a produção de sentido e orientam a recepção da obra traduzida.

Seguindo o modelo proposto por Lambert e Van Gorp, o presente estudo das traduções francesas abrange i) questões preliminares, como os elementos que compõem capa, quarta capa, página de rosto, prefácio e notas de rodapé; ii) no macronível, elementos como a divisão do texto e o título dos capítulos; iii) no micronível, a seleção de palavras em uma determinada área.

O estudo tem por finalidade verificar as implicações das escolhas tradutórias em *L'Enfant de la plantation* e na sua contextualização, bem como na formação da identidade brasileira na França por meio da tradução literária. Busca-se, dessa forma, contribuir para a reflexão sobre a produção de traduções de obras literárias e sobre a importância dos paratextos e dos discursos de acompanhamento para a inserção de uma obra estrangeira.

Tendo em vista o avanço nos Estudos da Tradução durante o intervalo de sessenta anos entre as duas publicações, trabalha-se com a hipótese de que a tradução de 2013 apresenta indícios que demonstram o desenvolvimento das teorias - refletidos na produção do texto-alvo, da apresentação e da contextualização - indícios que supomos serem menores na tradução de 1953. Formula-se ainda a hipótese de que se encontrará maior informatividade nas notas explicativas da tradução de 2013, pelo fato de a mesma estar inserida em um contexto no qual o acesso à informação é mais fácil do que nos anos 50, resultando em uma maior riqueza na produção dos paratextos.

O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma breve biografia de José Lins do Rego, algumas informações sobre a obra aqui analisada e um levantamento das traduções do autor pelo mundo. Já no segundo capítulo, situamos as traduções francesas com o objetivo de observar os contextos de produção e os possíveis fatores de interferência para a publicação. No terceiro capítulo, tratamos dos intermediários da tradução e das operações sociais - propostas por Bourdieu -, assim como do reconhecimento dos mesmos nas respectivas publicações francesas. No quarto capítulo, apresentamos a análise dos dados preliminares, do macronível e do micronível nas duas traduções francesas e, em pontos específicos e a título de informação, relacionando-as ao texto de partida.

Quanto ao *corpus*, a edição de 1953, que se encontra esgotada, foi adquirida por meio de um vendedor-leitor e através da Internet. O exemplar assim adquirido, no entanto, apresenta algumas falhas: o capítulo 28, que começa na página 184, não está completo: é interrompido na página 192. Da página 192 há um salto para a 273 (final do capítulo 39), que continua sem interrupções até a página 285 (fim do livro). Após o colofão¹, o trecho entre as páginas 209 (parte do capítulo 32) e 285 (fim do livro) é reproduzido. Dessa forma, no exemplar utilizado para a análise, não temos acesso às páginas 192 a 209, correspondentes aos capítulos 28, 29, 30, 31 e 32 (de um total de cinco capítulos da obra). Embora a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) do Rio de Janeiro possua um exemplar, não há a possibilidade de

¹ Nos livros atuais, inscrição final onde o tipógrafo indica a data e o lugar da feitura da obra (HOUAISS, 2009).

acesso a uma reprodução, o exemplar estando disponível apenas para consulta no local. A edição de 2013 também foi adquirida através da Internet e o exemplar se encontra completo.

1 JOSÉ LINS DO REGO

"Não há dificuldade nenhuma. Tudo o que eu boto nos livros está dentro de mim. Quando escrevo, aquilo vai correndo com a maior naturalidade; é como se eu furasse uma pipa."

José Lins do Rego

José Lins do Rego Cavalcante nasceu no Engenho Tapuá, em São Miguel do Taipu, na Paraíba, no dia 3 de junho de 1901, e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 12 de setembro de 1957. Era filho de João do Rego Cavalcante Sobrinho e Amélia Lins Cavalcante de Albuquerque. Com a morte da mãe, passou a morar com os avós maternos e as tias, no Engenho Corredor, em Pilar, na Paraíba, lugar tido – equivocadamente - como de nascimento do escritor². A perda da mãe e seguinte mudança para o engenho do avô é uma memória que o escritor compartilha com o personagem Carlinhos, de *Menino de engenho*.

No ano do centenário de José Lins do Rego (2001), Figueiredo Júnior, então pesquisador do Museu José Lins do Rego³ e um dos organizadores do evento comemorativo, produziu um material biográfico que serve de respaldo para as informações sobre o escritor e sua carreira no âmbito deste estudo.

José Lins sempre esteve envolvido com a escrita e teve o início de sua carreira marcado por trabalhos publicados em diversos jornais. O contato com personalidades como Olívio Montenegro, José Américo de Almeida, Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Holanda, Valdemar Cavalcanti, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Paulo Prado, entre outros (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001), pode ter sido um fator de influência na sua escrita, publicações e consequentes traduções.

1.1 SOBRE A ESCRITA E A PUBLICAÇÃO DE *MENINO DE ENGENHO*

Surgem algumas histórias e fatos que envolvem a escrita e a publicação do seu primeiro romance - e objeto do presente trabalho - *Menino de engenho*.

Entre os seus amigos, Valdemar Cavalcanti - responsável por datilografar o livro - apresenta um depoimento sobre a escrita do livro:

² Consta no registro de nascimento lavrado no dia 30 de junho de 1901 que o escritor nasceu no Engenho de Tapuá, em São Miguel do Taipu, na Paraíba (anexo B). A certidão foi gentilmente cedida pelo pesquisador Figueiredo Júnior.

³ O Museu José Lins do Rego integra a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC) (<http://www.funesc.pb.gov.br/cultura/>).

A atividade constante de jornalista só veio a interromper em Alagoas, quando se dispôs a levar ao papel o *Menino de engenho*, sua primeira obra. "Vou escrever um livro, uma espécie de memórias" - confessou-me certa vez. E logo em seguida passou vinte e poucos dias só cuidando mesmo do livro, fora da banca de jornal, escrevendo de manhã cedo - a letra miúda e quase ininteligível, num caderno escolar - e lendo tudo de tarde para mim, à sombra de um caramanchão de praça pública, em voz alta, às vezes espantando até as crianças por perto com os gritos que dava. E o que fez com o *Menino de engenho* - esse afastamento temporário do jornal - repetiu com *Doidinho* e com os demais livros (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001, p. 20, grifos no original).

Aurélio Buarque de Holanda também marcou a facilidade com que José Lins do Rego compunha um romance, afirmando que o paraibano teria escrito *Menino de engenho* e *Doidinho*, cada um, em cerca de um mês (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001).

Para a publicação de *Menino de engenho*, o escritor atribuiu a Hildebrando de Lima a tarefa de levar os originais para a tipografia dos irmãos Pongetti, para uma edição de 1.500 a 2.000 exemplares. Hildebrando resolveu ler os originais antes de entregá-los, achou o livro interessante e mostrou ao amigo Sebastião de Oliveira Hersen, que, junto com Adolfo Aizen, havia fundado a Adersen-Editores, em 1931. No dia seguinte, Sebastião de Oliveira Hersen, enviou uma proposta a José Lins do Rego, na qual oferecia uma tiragem de 2.000 exemplares, financiada entre os dois: tanto os gastos quanto os lucros seriam divididos entre eles. Com uma tiragem "fantasma" de 5.000 exemplares, que não passava de "propaganda", foram impressos 2.000 exemplares com uma numeração que ia de 1 a 5.000, omitindo os três mil números intermediários. *Menino de engenho* foi publicado em 1932, no Rio de Janeiro, e a obra foi a terceira publicação da Adersen-Editores (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002).

A Revolução Constitucionalista de São Paulo irrompeu pouco depois da publicação e dificultou a distribuição do livro; o mercado se fechou, reabrindo no fim de 1932. O trabalho do editor como divulgador foi então fundamental para o êxito da obra. Entre suas estratégias estavam: o anúncio do livro na Rádio Sociedade (posteriormente Roquete Pinto); circulação de uma nota telegráfica sobre o livro por meio da Agência Brasileira de Notícias com os dizeres "Retumbante sucesso", bem como publicação de notas e críticas sobre a obra usando o nome de amigos e autoridades, como Jorge Amado e Arnon de Mello (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2002), oferecendo assim credibilidade à obra e atraindo o público leitor.

1.2 JOSÉ LINS TRADUZIDO

A primeira obra de José Lins do Rego a ser traduzida foi *O moleque Ricardo* – em 1937, para o russo. Em 1944, ele visitou o Uruguai e a Argentina, lugares nos quais

pronunciou conferências sobre literatura brasileira - posteriormente publicadas na forma de livro no ano de 1946 (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001). Tendo em vista que suas traduções na Argentina foram publicadas em 1946 e 1947, é possível que tais conferências tenham servido de divulgação não só da literatura brasileira, mas, especificamente, de suas obras.

Entre 1949 e 1952 o paraibano viajou à Europa, uma das viagens a convite do governo francês para participar do *Congrès pour la liberté de la culture* (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2001). Assim como nas conferências pronunciadas na Argentina, a sua presença em Paris para o Congresso pode ter influenciado sua posterior tradução em 1953 - 21 anos após a publicação da obra e sendo posterior à divulgação da mesma através de traduções para o russo (1937 e 1938), espanhol (1946 e 1947), alemão (1953) e inglês (1950) (Tabela 1). Essas línguas que receberam as traduções emprestaram mais capital simbólico⁴ para a obra, caracterizando o que Pascale Casanova (2002) chama de tradução-consagração. De acordo com Werner (2009, p.6), "quanto mais capital simbólico uma obra acumula, mais rápido acontece o fluxo e mais abrangente é seu alcance.". Pode-se, dessa forma, considerar essas traduções como um fator a mais tendo contribuído para a tradução na França.

O escritor viajou mais uma vez à Europa em 1954, passando pela Espanha, Finlândia e Inglaterra. Na Espanha, teve sua obra *Cangaceiros* (1953) traduzida em 1957, após sua passagem pelo país. Já na Inglaterra, teve seu romance *Pureza* (1937) traduzido em 1950.

A Tabela 1, a seguir, apresenta um panorama das obras traduzidas de José Lins do Rego, os países em que foram publicadas e o respectivo ano. Por meio dessa tabela é possível observar a obra mais traduzida, o intervalo de tempo entre uma tradução e outra, o período decorrido entre a publicação do texto de partida e do texto de chegada, bem como a forma de publicação das traduções – se em volume único (caso da Alemanha, dos Estados Unidos e da Itália) ou não. A tabela é composta a partir das informações disponíveis no banco de dados da Unesco, *Index Translationum*⁵, das traduções apresentadas na seção "No estrangeiro", presente nas duas edições brasileiras de *Menino de engenho* utilizadas neste trabalho, e da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras⁶.

⁴ Conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu para se referir ao crédito ou prestígio atribuído a determinado agente (indivíduo, instituição, etc.) ou prática social (a literatura sendo uma delas) e que se traduz em vantagem efetiva na disputa pelo reconhecimento e pela legitimação no espaço social.

⁵ *Index Translationum* é um banco de dados das obras traduzidas em todo mundo, criado em 1932. A base de dados contém uma informação bibliográfica acumulativa sobre as obras traduzidas e publicadas em uma centena de Estados Membros da UNESCO desde 1979. Mais de 1.800.000 referências de todas as áreas: literatura, ciências sociais e humanas, ciências exatas e naturais, arte, história, etc. (<http://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx?lg=1>).

⁶ A Enciclopédia é uma obra de referência virtual que reúne informações sobre artes visuais, arte e tecnologia, literatura, teatro, cinema, dança e música (estas três últimas em elaboração) produzidos no Brasil. (http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm).

Tabela 1 - Obras traduzidas de José Lins do Rego

	ANO DE TRADUÇÃO	LUGAR DE TRADUÇÃO	OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
1º	1937	URSS	O moleque Ricardo	1935
2º	1938	URSS	O moleque Ricardo	1935
3º	1946	Argentina	Menino de engenho	1932
	1946	Argentina	Banguê	1934
	1946(1947)**	Argentina	Fogo Morto	1943
4º	1947	Argentina	Pedra bonita	1938
	1947/1948(1950)**	Inglaterra	Pureza	1937
5º	1953	Alemanha (vol.)*	Menino de engenho	1932
			Banguê	1934
			O moleque Ricardo	1935
	1953	França	Menino de engenho	1932
6º	1956	França	Cangaceiros	1953
	1956	Itália	Fogo Morto	1943
7º	1957	Espanha	Cangaceiros	1953
8º	1958	Alemanha	Cangaceiros	1953
9º	1960	URSS	Cangaceiros	1953
10º	1966	EUA (vol.)*	Menino de engenho	1932
			Banguê	1934
			Doidinho	1933
	1966	Romênia	Menino de engenho	1932
	1966	URSS	Fogo Morto	1943
11º	1972(1978)***	Coréia	Menino de engenho	1932
12º	1974	Itália (vol.)*	Menino de engenho	1932
			O moleque Ricardo	1935
13º	1990	Suécia	Menino de engenho	1932
14º	2000	Espanha	Menino de engenho	1932
	2000	Japão	Menino de engenho	1932

Tabela 1 Continuação

15º	2013	França	Menino de engenho	1932
-----	------	--------	-------------------	------

* Publicado em volume único.

** As datas fora dos parênteses aparecem na Enciclopédia Literatura Brasileira do Itaú Cultural. As datas entre parênteses são as que constam na seção "No estrangeiro", onde são apresentadas algumas traduções de José Lins do Rego; seção presente nas duas edições brasileiras, utilizadas neste trabalho, da editora José Olympio do romance *Menino de engenho*. (http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5202&cd_item=50&cd_idioma=28555).

*** A primeira data (1972) aparece na seção "No estrangeiro" e na Enciclopédia Literatura Brasileira do Itaú Cultural. A data entre parênteses (1978) é a que consta no banco de dados do *Index Translationum*, da Unesco.

Além das traduções apresentadas acima, Figueiredo Júnior (2001) afirma que o romancista também foi editado em Portugal. As obras editadas em Portugal pela editora Livros do Brasil foram: *Pureza*, *Cangaceiros*, *Banguê*, *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Riacho doce*, *Eurídice*, *Fogo morto*, *Pedra bonita*, *O moleque Ricardo*, *Água-mãe* e *Usina*, e não constam na Tabela 1 porque, segundo a seção "No estrangeiro" das duas edições da José Olympio, as obras citadas não apresentam a data de publicação, sendo acompanhadas da informação "todos sem data" e "[s.d]"⁷.

Por meio do panorama acima apresentado (Tabela 1), podemos verificar que a obra mais traduzida é *Menino de engenho*, com 11 publicações (duas publicações na França, e uma em cada um dos seguintes países: Alemanha, Estados Unidos da América, Romênia, Coreia, Itália, Suécia, Espanha e Japão). Em seguida, as obras *O moleque Ricardo* e *Cangaceiros* apresentam, cada uma, quatro publicações. *O moleque Ricardo* com duas publicações na URSS, uma na Alemanha e uma na Itália; enquanto *Cangaceiros* apresenta uma publicação nos seguintes países: França, Espanha, Alemanha e URSS. Em terceiro lugar, com três publicações cada, aparecem *Fogo morto* (Argentina, Itália e URSS) e *Banguê* (Argentina, Alemanha, Estados Unidos da América). Por fim, com uma publicação cada, constam *Pedra bonita* (Argentina), *Pureza* (Inglaterra) e *Doidinho* (Estados Unidos da América).

Ainda de acordo com a Tabela 1, verificou-se um total de 28 traduções publicadas em 12 países. Fez-se um levantamento das obras traduzidas por década (Gráfico 1), considerando a primeira tradução no ano de 1937 e a última em março de 2013. Entendendo que o primeiro período (1937) compreende três anos: 1937, 1938 e 1939; e o último (2013) compreende quatro anos: 2010, 2011, 2012 e 2013.

⁷ Todos s.d. (45ª edição, 1990) e [s.d] (104ª edição, 2012).

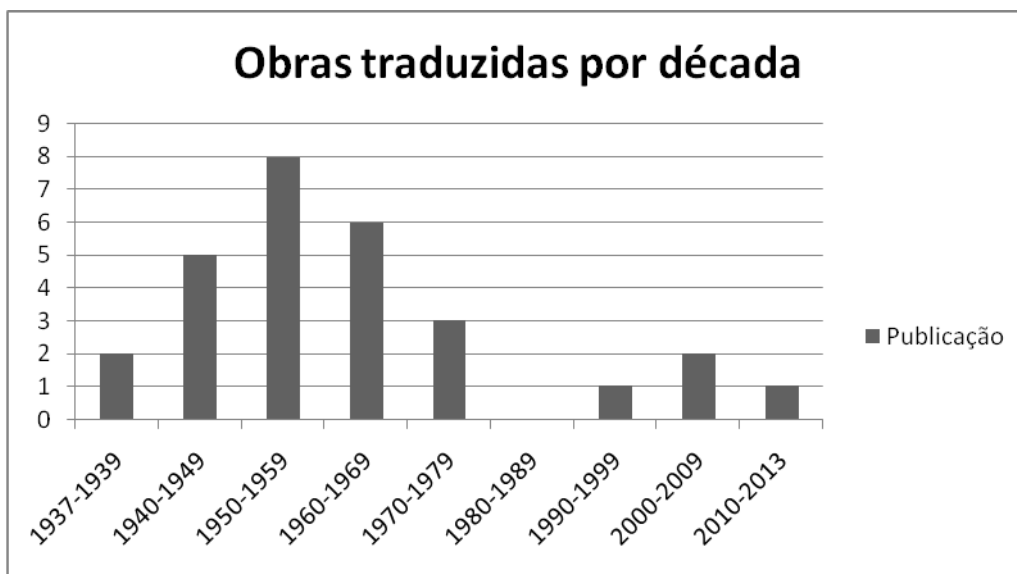


Gráfico 1 - Número de traduções publicadas por década

Conforme o gráfico acima (Gráfico 1), é possível verificar que a década de 50 apresenta o maior número de traduções publicadas. Acreditamos que as informações apresentadas anteriormente, como, por exemplo, a data da primeira obra publicada por José Lins do Rego (*Menino de engenho* em 1932) e as viagens feitas pelo escritor (na década de 40 - Uruguai e Argentina; na década de 50 - países da Europa) justificam o crescimento das publicações entre os anos 30 e 50. As oito publicações na década de 50 foram: *Menino de engenho* (Alemanha e França), *Banguê* (Alemanha), *O moleque Ricardo* (Alemanha), *Cangaceiros* (França, Espanha e Alemanha) e *Fogo morto* (Itália).

Assim como as viagens do escritor serviram para a divulgação das suas obras, sua morte em 1957 pode ter sido um dos fatores que contribuíram para a diminuição das obras traduzidas nas décadas de 60 e 70 e para a completa ausência de publicação nos anos 80.

A publicação em 1990, as duas em 2000 e a última publicação registrada em março de 2013 podem ser um reflexo das recentes reformulações do Programa de Apoio à Tradução de Livros Brasileiros no Exterior da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). O programa foi criado em 1984 com o apoio da Fundação Vitae e, em 1990, passou a ser gerido pelo Departamento Nacional do Livro da FBN e, mais recentemente, pela Coordenadoria-Geral do Livro e da Leitura (MARTINS, 2008).

No entanto, não foi possível verificar se as obras publicadas em 1990 e 2000 receberam o apoio da FBN. Já a tradução de 2013, utilizada neste trabalho, recebeu o apoio da FBN e do Programa de Apoio à Tradução de Livros Brasileiros no Exterior.

2 AS TRADUÇÕES DE MENINO DE ENGENHO

2.1 L'ENFANT DE LA PLANTATION 1953

A tradução de *Menino de engenho* para o francês foi publicada em 1953 pela editora *Deux Rives*. Para a contextualização dessa tradução, buscamos nas obras que abordam a relação Brasil-França⁸ e na Internet, informações sobre a editora e a proposta que conduzia suas publicações, porém, sem sucesso.

Com relação ao tradutor, na publicação de 1953 apenas temos acesso à informação que consta na folha de rosto da obra: "Traduzido por J. W. Reims"⁹. O nome completo da tradutora - Jeanne Worms-Reims - aparece citado no catálogo geral da Biblioteca Nacional da França¹⁰ e em alguns livros em que essa tradução é citada.

Em um artigo sobre a correspondência passiva de José Lins do Rego, fruto de um projeto intitulado "Ateliê José Lins do Rego" - então coordenado pela Profa. Dra. Sônia Maria van Dijck Lima -, o pesquisador Meller (1994) afirma a existência de três cartas, arquivadas no Museu José Lins do Rego, e que tratam da publicação dessa tradução francesa. A coordenadora do projeto disponibiliza o número dos documentos e a descrição dos mesmos catalogados em sua página na internet¹¹.

A primeira das cartas, enviada de Paris em 7 de agosto de 1952, está escrita em português e é assinada por "Robert", cujo nome de família não pode ser decifrado.

66 – ROBERT ... Carta. Paris, 7 ago. 1952. Aut., ms., 1 p. Ass. Robert ...

OBRA

Informa acertos sobre a publicação da tradução francesa de *Menino de engenho*.

Papel cópia.

Quadro 1 - Descrição do documento enviado no dia 7 de agosto de 1952.

Na segunda, enviada por J. W. Reims em 22 de agosto de 1952, há a informação sobre a remessa de uma tradução francesa já publicada de um dos romances de José Lins do Rego, porém, sem especificar de qual se trata. Ainda sobre esta carta, Meller (1994, p.72) comenta "Contudo, não podemos afirmar, categoricamente, que tal romance seria *Menino de engenho*,

⁸ *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*, de Mario Carelli, e *Encontro ente literaturas: França-Portugal e Brasil*, de Pierre Rivas.

⁹ *Traduit par J. W. Reims*.

¹⁰ *Catalogue général de la Bibliothèque nationale de France*. <<http://catalogue.bnf.fr/servlet/biblio?idNoeud=1&ID=32561421&SN1=0&SN2=0&host=catalogue>>.

¹¹ http://www.soniavandijck.com/retalhos_catalogo.htm

o que estabeleceria um elo com a carta de Robert." No entanto, e a partir das pesquisas que realizamos, o nome J. W. Reims só aparece associado à tradução de *Menino de engenho*.

64 – REIMS, J. W. Carta. Paris, 22 août 1952. Aut., ms., 2 p. Ass. J. W. Reims. Francês.

OBRA

Informa envio de nova versão de tradução para o francês de um dos romances de JLR. Transmite a sugestão do editor francês no sentido de imprimir em pequenas partituras as notas das canções encontradas nos textos de JLR.

NP – Algarismos manuscritos na margem inferior esquerda.

Quadro 2 - Descrição do documento enviado no dia 22 de agosto de 1952.

Sobre a terceira carta, Meller escreve:

O próprio Reims escreveu novamente a JLR (CP-DR-65), em 4 de setembro daquele mesmo ano, tratando de problemas de uma tradução francesa de JLR, apontando a possibilidade de Blaise Cendrars prefaciá-la obra. A informação conhecida é que J. W. Reims traduziu para o francês a obra *Menino de engenho* (*L'Enfant de la plantation*), em 1953, e Cendrars de fato prefaciou essa edição (MELLER, 1994, p. 72).

65 – REIMS, J. W. Carta. Paris, 4 sep. 1952. Aut., dat. com rasuras, 1 p. Ass. J. W. Reims. Francês.

OBRA

Trata da publicação de uma tradução para o francês de obra de JLR e aponta a possibilidade de Blaise Cendrars prefaciá-la. Diz que pretende reler *Fogo morto*, tendo em vista sua tradução.

Filigrana.

Quadro 3 - Descrição do documento enviado no dia 4 de setembro de 1952.

Nosso acesso a essas três cartas citadas por Meller, contudo, não foi possível, visto que, no momento desta pesquisa, o Museu José Lins do Rego e o Espaço Cultural (instituição que abriga o museu) se encontravam fechados em virtude de uma reforma¹², o acervo estando indisponível para consulta. Com isso, o estudo da correspondência passiva de José Lins do Rego, feito por Meller, consiste na única informação que obtivemos sobre a tradutora, identificando o interesse da mesma em se comunicar com o escritor.

¹² Reforma com início na segunda semana de fevereiro de 2013 e com duração prevista de, pelo menos, 360 dias (<http://www.paraiba.pb.gov.br/65254/espaco-cultural-comemora-aniversario-com-reforma-orcada-em-r-192-milhoes.html>).

2.2 L'ENFANT DE LA PLANTATION 2013

O romance *Menino de engenho* foi traduzido por Paula Anacaona e publicado em 2013 pela Anacaona, casa editorial francesa pertencente à própria tradutora e criada em 2009. Em sua página oficial encontra-se a proposta inicial de criação da editora:

[...] as edições Anacaona estavam essencialmente orientadas para a literatura marginal - uma literatura feita pelas minorias, raciais ou socioeconômicas, fora dos nervos centrais do saber e da grande cultura nacional [...].¹³

Recentemente passou para uma proposta mais abrangente:

[...] a editora assume uma nova posição, publicando autores contemporâneos brasileiros em um sentido amplo, porque o Brasil não se limita ao Rio, a São Paulo e às favelas - ainda que a desigualdade obscena na distribuição de renda, ou a violência irracional e injusta ligada ao tráfico de drogas sejam temas que, para nós, ainda são caros.¹⁴

Encontra-se ainda o seguinte objetivo como resumo de suas proposições: "As edições Anacaona pretendem ser uma passarela de difusão da literatura brasileira na França e, em geral, espera ajudar os jovens brasileiros a emergir."¹⁵

Em uma entrevista concedida a Jean-Claude Barny e Leonardo Tonus, e publicada no blog *Études Lusophones de L'Université de Paris IV*, ao ser questionada sobre a editora e a escolha dos escritores por ela publicados, Paula Anacaona responde:

Senti o desejo de montar uma editora porque, na França, eu sempre lamentei ao ver poucas heroínas de ficção juvenil, urbana, cosmopolita, miscigenada, sentada entre duas cadeiras, o coração balançando entre dois países. A problemática em torno dessas bi-cultura, desses questionamentos identitários - enriquecedoras e paralelamente esquizofrênicas - se refletirá claramente nas minhas escolhas

¹³ [...] les éditions Anacaona étaient essentiellement axées sur la littérature marginale – une littérature faite par les minorités, raciales ou socio-économiques, en marge des nerfs centraux du savoir et de la grande culture nationale [...]. (Tradução minha, assim como para as demais traduções do francês daqui em diante) (ANACAONA, Paula. Les Éditions Anacaona, un lien littéraire entre le Brésil et la France) (<http://www.anacaona.fr/les-editions-anacaona-une-passerelle-de-diffusion-de-la-litterature-bresilienne-en-france/>).

¹⁴ [...] la maison prend un nouveau virage, en publiant des auteurs contemporains brésiliens au sens large, car le Brésil ne se limite pas à Rio, à São Paulo, aux favelas – même si l'inégalité obscène dans la distribution des revenus, ou la violence déraisonnée et injuste liée au trafic de drogues sont des thèmes qui nous sont encore chers. (ANACAONA, Paula. Les Editions Anacaona, un lien littéraire entre le Brésil et la France).

¹⁵ Les éditions Anacaona se veulent une passerelle de diffusion de la littérature brésilienne en France et, plus généralement, souhaitent aider les jeunes plumes brésiliennes à émerger. (ANACAONA, Paula. Les Editions Anacaona, un lien littéraire entre le Brésil et la France).

editoriais. [...] [A escolha dos escritores é] Completamente sem razão! Me dou ao luxo de publicar apenas o que me arrebatava.¹⁶

A tradutora francesa Paula Anacaona tem formação em Tradução pela Universidade Paris VIII - Sorbonne e, há 12 anos, é tradutora técnica da Organização das Nações Unidas na União Europeia. Em 2005, começou a se envolver com tradução literária por meio do contato com Heloneida Studart¹⁷, chegando a traduzir quatro obras da escritora.

Em entrevista¹⁸ concedida para esta monografia, a tradutora afirma que teve conhecimento das obras de José Lins do Rego através do seu trabalho como intérprete de Paulo Lins¹⁹, e após o mesmo afirmar que *Fogo morto* é sua obra preferida.

O primeiro contato com a obra de José Lins do Rego se deu por meio de *Fogo morto*, depois com *Cangaceiros* e, por último, *Menino de engenho*. Segundo a editora-tradutora, uma nova tradução de *Menino de engenho* se fez necessária porque a tradução de 1953 se encontra esgotada. A escolha dessa obra como a primeira a ser traduzida e publicada foi, ainda segundo as palavras da tradutora, “pura estratégia comercial”. Por ser a menor entre as três obras a que teve acesso e a que ela poderia traduzir em um período de tempo mais curto, e também por se tratar da primeira obra de José Lins²⁰.

¹⁶ J’ai ressenti l’envie de monter ma maison d’édition car j’ai toujours regretté, en France, de voir peu d’héroïne de fiction jeune, urbaine, cosmopolite, métissée, assise entre deux chaises, le cœur balançant entre deux pays. La problématique autour de cette bi-culture, de ces interrogations identitaires – enrichissantes et parallèlement schizophréniques – se reflètera clairement dans mes choix éditoriaux. [...] [Le choix des écrivains est] Complètement déraisonné ! Je m’accorde le luxe de ne publier que mes coups de cœur. (BARNY, Jean-Claude; TONUS, Leonardo. Les marginaux, moteurs de la culture?) (<http://etudeslusophonesparis4.blogspot.com.br/2012/10/les-marginaux-moteurs-de-la-culture.html>) Paris, 18 out. 2012.

¹⁷ Nascida em Fortaleza, estado do Ceará, em 9 de abril de 1932. Jornalista, escritora, política, feminista, guerreira incansável na luta pelos direitos da mulher. Em 1978 Heloneida foi eleita deputada estadual e em 1982 reeleveu-se. Criou várias leis que vieram a beneficiar mulheres e trabalhadoras, tal como a licença-maternidade de 120 dias. Na manhã de 3 de dezembro de 2007 faleceu, vítima de parada cardíaca, uma semana após ser submetida a uma cirurgia no coração (<http://emheloneidastudart.snappages.com/>).

¹⁸ Ver apêndice A.

¹⁹ Paulo Cesar de Souza Lins nasceu no Rio de Janeiro em 1958. Romancista, roteirista e poeta. Escreveu o romance *Cidade de Deus*, publicado em 1997. Em 2002, o livro foi transposto para o cinema por Fernando Meirelles (1955) e Kátia Lund (1966), recebendo indicações para o Globo de Ouro e Oscar (http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbet_e=13757&lst_palavras=).

²⁰ Ver apêndice A.

3 OS INTERMEDIÁRIOS DA TRADUÇÃO

A tradução é uma atividade que se encontra no contexto das chamadas “trocas internacionais”, podendo ser estudada do ponto de vista sociológico. Para Heilbron e Sapiro (2008, p. 28), “uma abordagem sociológica da tradução deve levar em conta vários aspectos das condições de circulação transnacionais de bens culturais”²¹. Entre os aspectos que os autores citam, estão: o espaço das trocas culturais e os agentes de intermediação.

Nessas trocas internacionais, segundo Bourdieu (2002), o sentido e a função de uma obra estrangeira são determinados tanto pelo campo de recepção quanto pelo campo de origem. O autor afirma que – frequentemente - o sentido e a função presentes no campo original são completamente ignorados, e a transferência de um campo nacional para outro se dá através de uma série de operações sociais (BOURDIEU, 2002). As operações sociais a que Bourdieu (2002, p. 4) se refere são:

- Operação de seleção: remete às seguintes questões: o que se traduz? O que se publica? Quem traduz? Quem publica?
- Operação de marcação: através de uma editora, de uma coleção, de um tradutor e de um prefaciador;
- Operação de leitura: os leitores aplicam à obra categorias de percepção e problemáticas que são o produto de um campo de produção diferente.

Sobre os processos de seleção, Bourdieu considera:

[...] eu penso que aquele que se apropria, em toda boa fé, de um autor e se torna o introdutor tem vantagens subjetivas absolutamente sublimadas e sublimes, mas que são todavia determinantes para compreender que ele faça o que faz. [...] O que eu chamo ‘interesse’, pode ser o efeito das afinidades ligadas à identidade (ou a homologia) das posições nos campos diferentes (BOURDIEU, 2002, p. 4).

Ainda sobre a seleção, o autor afirma que, ao publicar o que gosta, o indivíduo reforça a sua posição no campo. No processo de marcação não é apresentado apenas o autor, mas o autor da obra com o prefácio de X ou com a tradução de Y. Nesse processo, o prefaciador X e o tradutor Y sendo considerados autoridades, há, então, a transferência de capital simbólico.

²¹ Une approche sociologique de la traduction doit prendre en compte plusieurs aspects des conditions de circulation transnationale des biens culturels.

O espaço de circulação dos textos se encontra estruturado em torno da oposição entre o polo de grande produção e o polo restrito. Como propõem Heilbron e Sapiro:

Se a fabricação de *best-sellers* mundiais, tornada possível pela liberalização das trocas, ilustra a lógica econômica da procura de rentabilidade a curto prazo, uma boa parte dos processos de importação das literaturas estrangeiras ressalta a lógica do que Pierre Bourdieu chamou de “produção restrita”, isto é, a produção com rotação lenta, que se projeta sobre um longo prazo e visa à constituição de um acervo, como evidenciado nos modos de seleção (frequentemente baseados nos critérios de valor literário mais do que nas chances de sucesso com um grande público) e as pequenas tiragens²² (HEILBRON; SAPIRO, 2008, p.35).

Ainda segundo os autores, a produção restrita se apoia em um sistema de auxílios à edição e à tradução. Os projetos de auxílios à tradução dizem respeito a políticas culturais que são desenvolvidas em dado país visando à divulgação da literatura e da cultura do mesmo.

As trocas culturais internacionais acontecem através de instituições e de atores de diferentes lógicas políticas, econômicas e culturais (HEILBRON; SAPIRO, 2008). Com a industrialização do mercado do livro e, depois, com a liberalização das trocas culturais, surgiu um grupo de especialistas do comércio do livro traduzido, como por exemplo: editoras independentes, agentes literários, feiras internacionais do livro, ente outros (HEILBRON; SAPIRO, 2008).

A partir da contextualização das duas traduções de *Menino de engenho*, podemos perceber alguns auxílios ao processo de tradução e publicação, como também identificar agentes e instituições que serviram de intermediários entre o texto de partida e as traduções.

O prefácio da primeira tradução (1953) é feito por Blaise Cendrars, que, segundo Rivas (1995, p. 319), “é um dos primeiros nomes conhecidos da modernidade francesa”. O novelista e poeta suíço, segundo relata Carelli (1994), possui uma história particular com o Brasil, país reconhecido por ele como sua segunda pátria e onde permaneceu durante a década de 1920 (1924, 1926 e 1927-1928). Em duas de suas viagens, segundo Alexandre Eulálio, Cendrars foi na qualidade de enviado da imprensa parisiense (RIVAS, 1995). Em algumas obras de Cendrars é visível a sua ligação com o país e seu interesse pelo exotismo aqui encontrado (CARELLI, 1994).

²² Si la fabrication de best-sellers mondiaux, rendue possible par la libéralisation des échanges, illustre la logique économique de la quête de rentabilité à court terme, une bonne part du processus d’importation des littératures étrangères relève de la logique de ce que Pierre Bourdieu a appelé la «production restreinte», c’est-à-dire la production à rotation lente, qui se projette sur le long terme et vise la constitution d’un fonds, comme en témoignent les modes de sélection (souvent fondés sur des critères de valeur littéraire plutôt que sur les chances de succès auprès d’un large public) et les faibles tirages.

Com Paulo Prado, patrocinador do “Movimento Modernista Paulista”, Cendrars manteve uma relação íntima de amizade, e foi por meio dele que teve acesso ao Ciclo da Cana-de-Açúcar - *Menino de engenho, Doidinho e Banguê* -, de José Lins do Rego (CENDRARS, 1953). Considerando os fatos apresentados anteriormente - a visita de José Lins do Rego a Paris, a convite do governo e por compartilhar a amizade de Paulo Prado com Blaise Cendrars - é provável que o texto de partida para a tradução de 1953 tenha sido o português e que o poeta suíço tenha exercido também o papel de agente literário na França.

A tradução de *Menino de engenho* lançada em março de 2013 se encontra imersa em um contexto em que é possível perceber a presença de fatores que auxiliaram sua publicação. A tradutora Paula Anacaona e a Editora Anacaona, ao divulgarem como uma de suas propostas a difusão de obras da literatura marginal brasileira, apresentam-se, respectivamente, como agente literário e instituição, ambos intermediários que viabilizam a tradução da obra – tendo em vista que se trata de uma editora independente, há uma maior autonomia nas escolhas, podendo ser baseadas em critérios mais pessoais, como por exemplo: gosto ou capital simbólico - diferentemente de uma grande editora, na qual uma obra é submetida a rígidos critérios antes de ser publicada, entre eles o mercadológico.

A tradução de *Menino de engenho* pela editora Anacaona também recebeu o apoio da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). A FBN, como instituição que incentiva a divulgação da literatura brasileira no exterior, tem oferecido bolsas por meio do Programa de Apoio à Tradução de Livros Brasileiros no Exterior. O programa foi criado em 1984 com o apoio da Fundação Vitae e, em 1990, passou a ser gerido pelo Departamento Nacional do Livro da FBN e, mais recentemente, pela Coordenadoria-Geral do Livro e da Leitura (MARTINS, 2008).

A FBN editou, em 2002, o *Guia conciso de autores brasileiros*, compilado por Alberto Pucheu e Caio Meira. Tinha o objetivo de apresentar a literatura brasileira através de verbetes bilíngues (em português e em inglês) sobre os escritores, bibliografias, citações da crítica especializada, fragmentos das obras e endereço eletrônico para contato com os autores ou com seus representantes (MARTINS, 2008).

Em 2004, o Programa de Apoio à Tradução foi reformulado pela nova administração da FBN, sob a presidência de Pedro Corrêa do Lago, com lançamento de uma seleta durante a segunda Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP) (MARTINS, 2008). Na ocasião, Martins (2008) afirma que:

[...] o Conselho de Pesquisa em Literatura selecionou 20 obras, de autores diferentes, cujos primeiros capítulos foram traduzidos para o inglês, o francês e o espanhol, formando três volumes distintos, a serem distribuídos em eventos literários no Brasil e no mundo (Ibid., p. 47).

O procedimento foi repetido em 2005, porém, com uma nova relação de autores e obras. Alguns dos autores incluídos nas seletas 2004 aparecem novamente em 2005, mas com obras diferentes (MARTINS, 2008). Em novembro do mesmo ano, a direção da FBN, passa a ser presidida por Muniz Sodré de Araújo Cabral. Essa administração decidiu desativar a confecção das seletas, adotando o *Guia conciso* de 2002 com o compromisso de atualizá-lo quando necessário e possível (MARTINS, 2008).

Um novo programa brasileiro de traduções foi apresentado em julho de 2011 e, em pouco mais de um ano, mais de 140 bolsas foram concedidas a editoras estrangeiras, com a meta de 200 traduções até outubro de 2013 (FREY, 2012). Segundo Frey, a média anual de bolsas concedidas, que era de 12,8 na década de 1990 e 15,8 na década seguinte, passou para 121,7. Com relação às traduções de obras brasileiras, o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Galeano Amorim, afirma que a Alemanha recebeu 20 bolsas do programa e superou as antigas líderes, França e Espanha (FREY, 2012).

4 ANÁLISE DESCRITIVO-COMPARATIVA

Para a realização da análise proposta, adotou-se o modelo de descrição de tradução desenvolvido por José Lambert e Hendrik Van Gorp em 1985. A pesquisa por eles realizada baseia-se em um esquema proposto por Lambert e Lefevere (1978) que contém os parâmetros básicos dos fenômenos tradutórios (Figura 1).

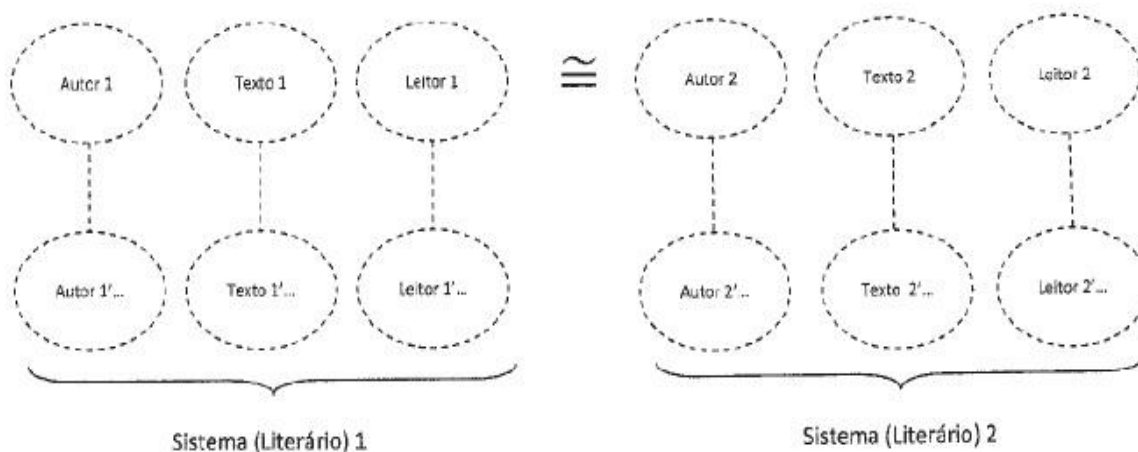


Figura 1 - Esquema com os parâmetros básicos dos fenômenos tradutórios proposto por Lambert e Lefevere (1978). Fonte: LAMBERT; VAN GORP, 2011, p.210.

No esquema acima, é possível verificar tanto as relações existentes entre o sistema fonte (sistema 1) e o sistema alvo (sistema 2), quanto às relações internas existentes em cada sistema. Segundo Lambert e Van Gorp a tradução “é o resultado de relações específicas entre os parâmetros mencionados no esquema.” (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p.211).

O modelo prático elaborado por Lambert e Van Gorp objetiva uma análise textual que descreva e examine as estratégias tradutórias. Segundo os pesquisadores, o modelo por eles proposto tem como principal vantagem a possibilidade de ignorar as ideias tradicionais que se relacionam com “fidelidade” e “qualidade” tradutória, ideias essas que priorizam o texto-fonte. Eles descrevem o modelo como:

[...] teórico e hipotético: ele mostra quais relações podem ter um papel na produção e no formato das traduções atuais e quais podem ser observadas na descrição da tradução. Em outras palavras, o esquema representa um conjunto abrangente de perguntas (como o texto 1 foi traduzido no texto 2 em relação a que outros textos?...) em vez de uma série de teses (Ibid., p. 213).

Ainda segundo os pesquisadores, o esquema compreende:

[...] todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo da tradução, suas características textuais, sua recepção e até mesmo seus aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução (Ibid., p. 213).

O esquema para a descrição de tradução apresentado pelos autores divide-se em: dados preliminares, macronível, micronível e contexto sistêmico. Cada um deles subdividido em aspectos mais específicos. Pelo fato de o esquema ser abrangente e apresentar várias relações específicas, Lambert e Van Gorp afirmam que “a tarefa do estudioso será estabelecer quais relações são as mais importantes.” (Ibid., p. 211).

<p style="text-align: center;">UM ESQUEMA SINTETIZADO PARA A DESCRIÇÃO DE TRADUÇÃO</p> <p><i>1. Dados preliminares:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Título e página título (por exemplo, presença ou ausência da indicação de gênero, nome do autor, nome do tradutor) - Metatextos (na página-títulos; no prefácio; nas notas de rodapé - no texto ou separado?) - Estratégia geral (tradução parcial ou completa?) <p>Estes dados preliminares deveriam levar a hipóteses para análise posterior tanto no nível macroestrutural como no nível microestrutural.</p> <p><i>2. Macronível:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Divisão do texto (em capítulos, atos e cenas, estrofes) - Título dos capítulos, apresentação dos atos e cenas - Relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrição; entre diálogo e monólogo, voz solo e coro - Estrutura narrativa interna (enredo episódico? final aberto?); intriga dramática (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética (por exemplo, contraste entre quartetos e tercetos em um soneto) - Comentário autoral, instruções de palco <p>Esses dados macroestruturais devem levar a</p>	<p><i>3. Micronível (isto é, mudanças nos níveis fônicos, gráficos, microssintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais):</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Seleção de palavras - Padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais (metro, rima) - Formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre) - Narrativa, perspectiva e ponto de vista - Modalidade (passiva ou ativa, expressão de incerteza, ambiguidade) - Níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão) <p>Esses dados sobre estratégias microestruturais deveriam levar a um confronto renovado com as estratégias macroestruturais, e daí a considerações em termos do contexto sistemático mais amplo.</p> <p><i>4. Contexto sistêmico:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Oposições entre micro e macroníveis e entre texto e teoria (normas, modelos) - Relações intertextuais (outras traduções e obras "criativas") - Relações intersistêmicas (por exemplo, estruturas de gênero, códigos estilísticos).
--	---

Quadro 4 - Reprodução do esquema sintetizado para a descrição de tradução. Fonte: LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 222-223.

Os dados preliminares são compostos por título e página de rosto, metatextos e estratégia geral. O macronível é composto por aspectos como a divisão do texto, o título dos capítulos/apresentação dos atos/cena, relação entre os tipos de narrativas/diálogos/descrição, estrutura narrativa interna, entre outros. O micronível compreende aspectos como a seleção de palavras, formas de reprodução da fala, níveis de linguagem, entre outros. E, por último, o contexto sistêmico, que envolve oposições entre micro e macroníveis, oposições entre texto e teoria, relações intertextuais e intersistêmicas. No âmbito da presente análise, e em virtude da limitação de espaço e de tempo de que se dispunha, foram priorizadas algumas das áreas propostas pelos pesquisadores, quais sejam: capa, página de rosto, quarta capa, prefácio, notas de rodapé, divisão do texto e seleção de palavras.

4.1 DADOS PRELIMINARES

A análise dos *dados preliminares* aqui proposta baseia-se amplamente na reflexão de Genette (2009) sobre paratextos editoriais. Ele resume paratexto como "aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores" (GENETTE, 2009, p. 9) e afirma que o texto:

raramente se apresenta em estado nu, sem o esforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua "recepção" e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro (Ibid., p. 9, grifos no original).

Genette afirma que o paratexto é uma “zona indecisa” entre o interior (o texto) e o exterior (o discurso do mundo sobre o texto) e faz referência a Philippe Lejeune, que nomeia os paratextos como “franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura”. Genette conclui:

Com efeito, essa franja, sempre carregando um comentário autoral, ou mais ou menos legitimada pelo autor, constitui entre o texto e o extratexto uma zona não apenas de transição, mas também de *transação*: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se, aos olhos do autor e de seus aliados (Ibid., p.10, grifo no original).

Como a análise em questão trata de obras traduzidas, pode-se afirmar que os paratextos carregam um comentário que não é regido pelo autor da obra, mas por um editor. E sem necessariamente estarem legitimados pelo autor.

Genette (2009) divide o campo do paratexto em duas categorias: peritexto e epitexto. O peritexto é definido como a categoria espacial que se encontra “em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas” (Ibid., p.12). O epitexto é definido pelo autor como “todas as mensagens que se situam na parte externa do livro: em geral num suporte midiático (conversas, entrevistas), ou sob a forma de uma comunicação privada (correspondências, diários íntimos e outros)” (Ibid., p.12).

A presente análise se restringe ao peritexto, assim denominado e conceituado por Genette (2009) por se tratar da zona “que se encontra sob a responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor, ou talvez, de maneira mais abstrata porém com maior exatidão, da *edição*” (Ibid., p. 21, grifo no original). O termo *zona* indica que o peritexto editorial é essencialmente espacial e material, sendo composto por capa, página de rosto e anexos.

Sobre o formato, afirma que é “o aspecto mais global da realização de um livro” (Ibid., p. 22) e que, na era clássica, os “grandes formatos” eram reservados às obras sérias (mais religiosas e filosóficas do que literárias) ou às edições de prestígio e de consagração das obras literárias. No início do século XIX, “obras sérias já podiam ser objeto de uma reedição em “formato pequeno”, tendo em vista seu sucesso, para uma leitura mais familiar e mais circulante” (Ibid., p. 23). Com isso, é possível perceber o valor paratextual dos formatos que “já tinham a força e a ambiguidade de nossa oposição entre “edição corrente” e “edição de bolso”, podendo também a segunda denotar o caráter “popular” de uma obra ou seu acesso ao panteão dos clássicos” (Ibid., p. 23). Sobre o sentido moderno da palavra “formato”, Genette afirma que é menos carregado de valor paratextual e que “a dimensão de nossas edições correntes normalizou-se ou banalizou-se em torno de formatos médios do século XIX, com variações de acordo com editores ou as coleções” (Ibid., p.23).

Ainda no peritexto editorial, Genette (2009) aborda a questão de uma obra se encontrar inserida em uma coleção e comenta que essa inserção tem seus objetivos e significados, inclusive a ausência de coleção, segundo o autor, é sentida pelo público. Segundo o autor:

O selo de coleção, mesmo sob essa forma muda, é, pois, uma duplicação do selo editorial, que indica imediatamente ao potencial leitor que tipo ou que gênero de

obra tem a sua frente: literatura francesa ou estrangeira, vanguarda ou tradição, ficção ou ensaio, história ou filosofia etc. (Ibid., p.26).

A capa apresenta algumas informações que são quase obrigatórias, como: o nome do autor, o título da obra e o selo do editor. Além dessas informações, outras podem aparecer, entre elas: indicação genérica, nome do tradutor, nome do prefaciador, retrato do autor, ilustração específica, endereço do editor, preço de venda. Na página de rosto, encontram-se geralmente o título, o nome do autor, o nome do tradutor e a editora, podendo conter indicação genérica, epígrafe e dedicatória (GENETTE, 2009).

A quarta capa é um lugar considerado estratégico e o seu conteúdo pode variar. Pode apresentar o nome do autor e do título da obra novamente, uma nota biográfica, um *release*, uma relação de obras de uma coleção, citações da imprensa, comentários elogiosos, preço de venda, entre outros (GENETTE, 2009).

4.1.1 ANÁLISE DOS DADOS PRELIMINARES (1953)

A capa da primeira tradução, de J. W. Reims, é considerada clássica, já que contém as informações que, segundo Genette, são quase obrigatórias e algumas outras informações que, podem constar na capa. Em destaque, na metade superior da capa, aparece o título da obra em uma fonte maior.

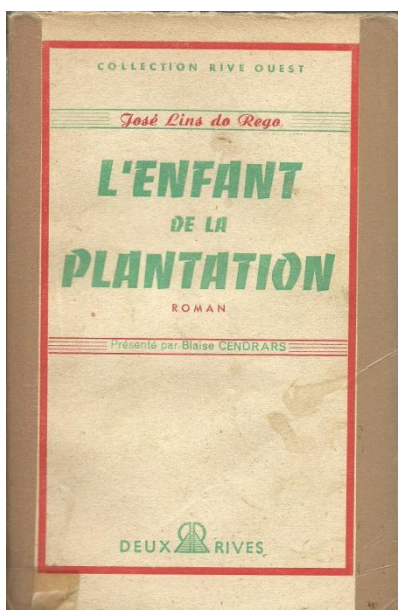


Figura 2 - Capa *L'Enfant de la plantation* (1953)

Quanto ao formato, essa tradução foi lançada no mesmo tamanho de obras consideradas “livro de bolso”, embora não assuma a publicação como sendo de bolso.

As outras informações presentes na capa da obra são:

- Coleção: *Collection Rive Ouest*
- Autor: José Lins do Rego
- Título: *L'Enfant de la plantation*
- Indicação genérica: *Roman*
- Prefácio: *Présenté par Blaise Cendrars*
- Editora: *Deux Rives*

A capa dessa edição não fornece qualquer informação sobre a origem brasileira da obra, nem mesmo indica que se trata de uma tradução. A única informação que dá um caráter estrangeiro à obra diz respeito ao nome do autor.

O fato de essa obra pertencer à *Collection Rive Ouest* não torna evidente para o leitor qualquer ligação específica com o Brasil ou com a literatura brasileira, porém as demais obras inseridas nessa coleção provêm de outros países e literaturas (ver Tabela 2), o que sugeriria que se trata de uma coleção de obras estrangeiras.

Na quarta capa dessa edição encontram-se informações sobre as obras editadas pela *Deux Rives*, presentes em outras coleções da editora (*Éditions de luxe* e *Collection «De quoi vivaient-ils?»*) e as demais obras inseridas na *Collection Rive Ouest*. No canto inferior dessa mesma zona, encontra-se um endereço, provavelmente da editora. Segundo Genette (2009), entre as informações presentes na capa de uma obra, poderia figurar o endereço do editor/casa editorial; no presente caso, a informação em questão é disponibilizada na quarta capa.

Das pesquisas referentes à contextualização dessa tradução não foi possível extrair informações sobre o critério estabelecido pela editora *Deux Rives* com relação à composição da coleção. Nela figuram nomes como: H.-G. Wells (Inglaterra), Emil Ludwig (Alemanha), Hart Stilwell (Estados Unidos da América), D.-H. Lawrence (Inglaterra); e dentre as obras, aparecem as indicações genéricas (romance e sonho²³).

²³ *Roman e songe*.

A partir da capa e da quarta capa dessa edição, é possível comentar a apresentação sóbria e mais clássica, podendo ser direcionada a um público restrito²⁴. A quarta capa é neutra com relação à obra e a contextualização da mesma, e relaciona-se com a editora e as demais publicações, tendo em vista a divulgação do acervo para o público.

Na página de rosto, repetem-se as informações sobre a coleção, o autor, o título, a indicação genérica, o prefácio e a editora. As informações acrescentadas informam o caráter estrangeiro da obra: o título original *Menino de Engenho* abaixo do título traduzido e a indicação *Traduit par J. W. Reims*.

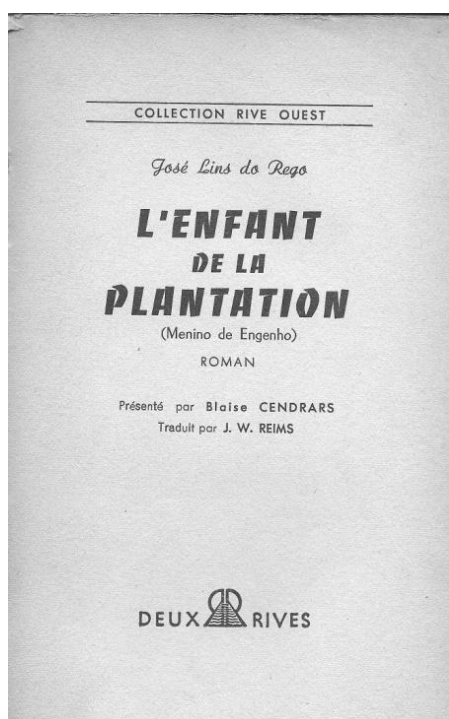


Figura 4 - Página de rosto *L'Enfant de la plantation* (1953)

No entanto, o que chama a atenção nessa edição, tanto na capa como na página de rosto, é o fato de:

- Na capa: encontra-se a informação sobre o prefaciador, Blaise Cendrars.
- Na página de rosto: repete-se a informação sobre o prefaciador, cujo nome se encontra acima da indicação do tradutor.

²⁴ Noção desenvolvida por Pierre Bourdieu para designar “o escritor, o artista e mesmo o erudito, [que] escrevem não apenas para um público, mas para um público de pares [...]” (BOURDIEU, 2007, p. 108). A noção de público restrito se contrapõe à de grande público.

O reconhecimento da autoridade do poeta suíço na literatura francesa e a sua relação com o Brasil dão validade ao que ele afirma sobre a obra. Ao prefaciар o romance, Cendrars empresta-lhe prestígio – numa operação de transferência de capital simbólico conforme descrito por Bourdieu (2002) –, enquanto que a informação sobre o tradutor se restringe às letras iniciais e ao sobrenome (J. W. Reims).

A tradução de J. W. Reims (1953) não informa o texto de partida utilizado, mas, como dito anteriormente, é provável que tenha sido o português, tendo em vista o acesso de Blaise Cendrars à obra²⁵ e a possibilidade de ter exercido o papel de agente literário, conforme já discutido.

4.1.2 - ANÁLISE DOS DADOS PRELIMINARES (2013)

A segunda tradução, de Paula Anacaona (2013), apresenta, além das informações consideradas quase obrigatórias, uma ilustração que preenche grande parte da capa. A importância dada à ilustração não é perceptível apenas pelo espaço disponibilizado para a mesma, mas também pela escolha de ilustrar com a xilogravura, arte presente na literatura de cordel²⁶ nordestina, e por representar um ambiente rural, oferecendo indícios sobre a obra.

²⁵ Conforme o prefácio da primeira tradução francesa (1953) escrito por Blaise Cendrars: “Menino de Engenho é de 1932. Doidinho de 1933. Banguê de 1934. Em 1935, Paulo Prado me dando, em Paris, o Ciclo da Cana-de-Açúcar de José Lins do Rego disse-me: [...]” (“Menino de Engenho est de 1932. Doidinho de 1933. Banguê de 1934. En 1935, Paulo Prado en me donnant à Paris O Ciclo de Cana de Assucar de José Lins do Rego me déclarait: [...]).

²⁶ O *Centre de Recherches Latino-Américaines da Université de Poitiers*, na França (<http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/>), torna conhecida, através de colóquios e jornadas de estudos internacionais, essa manifestação literária e popular brasileira.

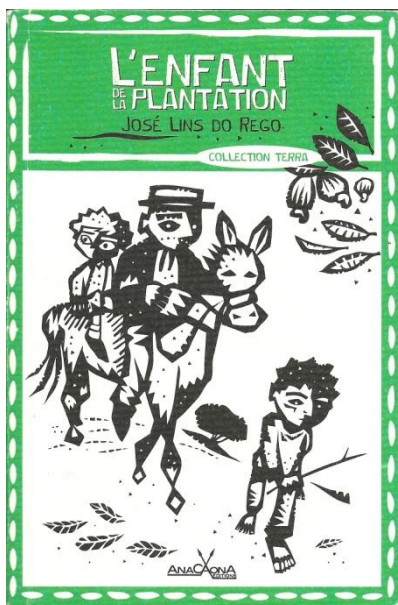


Figura 5 - Capa *L'Enfant de la plantation* (2013)

Quanto ao formato, essa tradução, assim como a tradução de 1953, foi lançada no tamanho de obras consideradas “livro de bolso”, embora as editoras não assumam as publicações como sendo de bolso.

As outras informações presentes na capa da obra são:

- Coleção: *Collection Terra*
- Autor: José Lins do Rego
- Título: *L'Enfant de la plantation*
- Editora: *Anacaona*

Como dito, a capa dessa edição fornece, a partir da ilustração, a informação sobre a origem nordestina e rural da obra - para os que conhecem a xilogravura e a literatura de cordel. Como na primeira tradução, outra informação presente na capa que dá um caráter estrangeiro à obra é o nome do autor. Contrariamente à primeira tradução, não há indicação sobre a autoria do prefácio nem na capa, nem na página de rosto, e o mesmo é assinado pela própria Paula Anacaona. É importante salientar que a tradução foi publicada por uma pequena casa editorial independente e que a tradutora Paula acumula as funções de tradutora, editora e prefaciadora da obra; diferentemente da tradução de 1953, com a tradução de J. W. Reims e prefácio de Blaise Cendrars - prefácio que serve como indício de que a *Deux Rives* era uma editora provavelmente de porte maior que a *Anacaona*.

Na quarta capa encontra-se um trecho do prefácio de Blaise Cendrars “*La voix du sang*” presente na primeira tradução, retomando-se aqui a estratégia de transferência do prestígio de Cendrars, considerado uma autoridade no sistema literário francês, e tendo em vista que o espaço da quarta capa é tido como um lugar estratégico do peritexto editorial. O texto escrito por Cendrars e com referências ao Brasil (“Todo o Brasil está nesse livro transparente.”²⁷) atesta o caráter estrangeiro da obra, marcando-a como uma tradução. Além do texto, a quarta capa apresenta uma ilustração que, assim como na capa, trata da obra revelando o seu contexto rural. Outra informação presente nessa zona é o preço de venda, localizado no canto esquerdo, próximo ao código de barras e ao endereço eletrônico da editora.

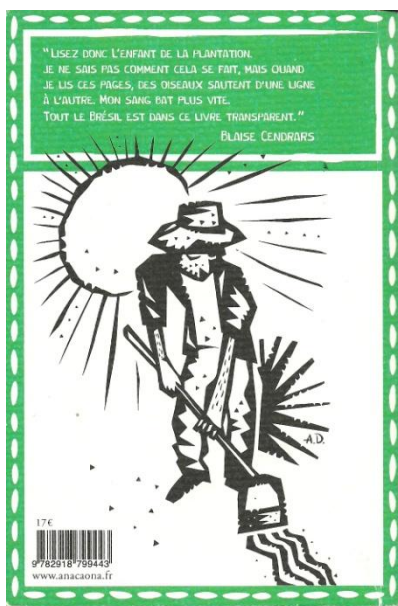


Figura 6 - Quarta capa *L'Enfant de la plantation* (2013)

A partir da capa e da quarta capa das duas traduções é possível comentar a agradabilidade visual da segunda tradução se comparada com a primeira, mais sóbria. Ao apresentar as ilustrações em xilogravuras, a tradução de 2013 busca, segundo a tradutora²⁸, “fazer a Revolução da Literatura” e comenta:

[...] Na França, os livros são muito feios, muito clássicos e se as pessoas agora vão comprar *e-book*, é porque realmente o livro com um papel vagabundo, com uma capa feia, não atrai. Penso que isso [ilustrar os livros] é uma maneira de salvar o papel e também porque eu constatei que todos os meus amigos não leem, eu sou a

²⁷ “Tout le Brésil est dans ce livre transparent.”

²⁸ Ver apêndice A.

única que lê. [...] Então minha ideia era atrair um público mais jovem, que pode ser seduzido pelas imagens.

O fato de essa edição se encontrar inserida na *Collection Terra* representa, (diferente da tradução de 1953, com a *Collection Rive Ouest*) o aspecto estrangeiro da coleção ao manter o termo “Terra” em português (língua estrangeira para o público-alvo da tradução) e situa a obra dentro de um contexto brasileiro e nordestino, representado pela ilustração da capa. Porém, o contexto rural da coleção, além de sugerido pelas ilustrações da capa e da quarta capa, é apresentado na página oficial da editora: “Coleção TERRA: os romances da ruralidade no Brasil”²⁹. No prefácio também há a menção à literatura brasileira e ao Nordeste.

Na página de rosto, repetem-se as informações sobre o autor, o título e a editora, e supprime-se a informação sobre a coleção. A informação acrescentada informa o caráter estrangeiro da obra e o texto de partida utilizado para a tradução, por meio da indicação *Traduit du brésilien par Paula Anacaona*.

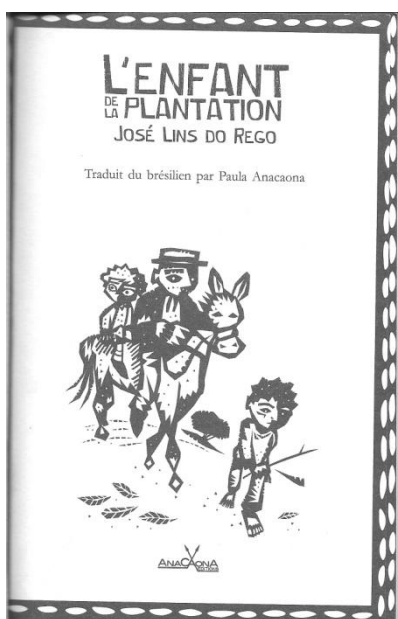


Figura 7 - Página de rosto *L'Enfant de la plantation* (2013)

O fato de não constar o nome da tradutora na capa pode ser resultado da concepção de tradução apresentada em entrevista³⁰ pela própria tradutora Paula Anacaona:

Eu, realmente, não me sinto autor da obra. Me sinto muito como a babá. Às vezes é a babá que cria o filho, não são mais os pais. Então, a babá pode ter muito orgulho

²⁹ “Collection TERRA: les romans de la ruralité au Brésil” (<http://www.anacaona.fr/collection-terra/>).

³⁰ Ver apêndice A.

do filho, mas depois, ninguém vai falar que se o filho é bem criado foi o trabalho da babá. Sou um pouco assim, ou seja, sei que eu tenho um papel importante, eu amo esse filho como se fosse meu, mas sei que ele não é meu.

A segunda tradução (2013) também é intitulada *L'Enfant de la plantation* e a tradutora justifica nos seguintes termos a manutenção do título:

Em português, o título é: Menino de engenho. Engenho, em português, pode representar diferentes coisas: a plantação (os campos), e/ou a fábrica (moinho de açúcar), e/ou a casa-grande e a senzala. Em função do contexto, o brasileiro sabe do que se fala... mas evidentemente, no título, fala-se do conjunto - o *domínio*, de uma certa maneira. Menino do domínio? Não é interessante. Menino dos campos e do moinho? Menos ainda. [...] Retomei o título de 1953, *L'Enfant de la plantation*, deixando de lado toda uma dimensão do engenho.³¹

O quadro recapitulativo (Quadro 6) abaixo sintetiza os aspectos dos dados preliminares, com o intuito de fornecer uma visualização geral do que foi analisado até o momento.

Aspectos	Deux Rives (1953)	Anacaona (2013)
Ilustração na capa	Não	Sim
Coleção	Rive Ouest	Terra
Título	L'Enfant de la plantation	L'Enfant de la plantation
Indicação genérica na capa	Sim (roman)	Não
Nome do prefaciador na capa	Sim (Blaise Cendrars)	Não
Menção a origem brasileira ou estrangeira na capa	Nome do autor	Nome do autor, nome da coleção e ilustração
Ligação explícita entre a coleção e o Brasil	Não	Sim
Quarta capa	Obras editadas	Trecho do prefácio de Blaise Cendrars
Página de rosto	Coleção, autor, título, indicação genérica, prefácio, título original e indicação do tradutor	Autor, título e indicação do tradutor

Quadro 6 - Quadro recapitulativo

³¹ En portugais, le titre est : Menino do engenho. Engenho, en portugais, peut représenter différentes choses : la plantation (les champs), et/ou la fabrique (le moulin à sucre), et/ou la maison du maître et des esclaves. En fonction du contexte, le brésilien sait de quoi l'on parle... mais évidemment, dans le titre, on parle de l'ensemble – le domaine, en quelque sorte. L'enfant du domaine ? Pas très joli. L'enfant des champs et du moulin ? Encore moins. [...] J'ai donc repris le titre de 1953, *L'Enfant de la plantation*, en mettant de côté toute une dimension de l'engenho. (ANACAONA, Paula. Comment transcrire le régionalisme de José Lins do Rego) (<http://larepublicquedeslivres.com/comment-transcrire-le-regionalisme-de-jose-lins-do-rego/>) 10 maio 2013.

Essa primeira análise evidencia o caráter assumidamente estrangeiro da segunda tradução (2013), evidenciado por meio da ilustração, da coleção com um termo em francês (*Collection*) e outro em português (*Terra*). A coleção também reúne outras obras brasileiras e rurais, e não apenas estrangeiras, como é o caso da *Collection Rive Ouest*, na qual a primeira tradução (1953) está inserida.

Ainda na seção *dados preliminares*, abordam-se os metatextos: a presença de textos que apresentem a obra e que podem se encontrar na página de rosto, no prefácio e/ou nas notas de rodapé.

As páginas de rosto das duas traduções, como visto anteriormente, apresentam os elementos que essencialmente constam na capa, com o acréscimo de informações tais como o nome do tradutor. Nesse espaço, não há a presença de metatexto.

O prefácio da primeira tradução (1953) é intitulado “*La voix du sang*” e escrito por Blaise Cendrars a pedido da tradutora J. W. Reims (EULALIO, 2001). Além disso, na capa e na página de rosto o nome de Cendrars se encontra em posição de destaque, logo abaixo do título do prefácio. O suíço apresenta o contexto brasileiro durante o movimento modernista e a sua chegada a São Paulo, relatando a sua amizade com Paulo Prado e a influência do paulista na sua iniciação à história do Brasil. Blaise cita as obras *Menino de engenho*, *Doidinho* e *Banguê* situando-as no chamado Ciclo da Cana-de-Açúcar de José Lins do Rego. Por fim, tece um parágrafo elogioso à obra.

O prefácio da segunda tradução (2013) não apresenta título e é assinado por Paula Anacaona. Porém, diferentemente da tradução de 1953, essa informação se encontra ao final do texto. O prefácio é dividido em três partes: a primeira parte não apresenta título e aborda as ilustrações presentes na obra; a segunda é intitulada “*José Lins do Rego*”, consistindo em uma breve biografia do autor, com uma subdivisão intitulada “*Le Balzac brésilien*” em que consta um trecho do prefácio de Tristão de Athayde para uma edição de *Menino de engenho*, além de uma citação de Carlos Drummond de Andrade extraída do jornal Correio da Manhã; a terceira é intitulada “*L’Enfant de la plantation*” e subdivide-se em “*De la mémoire à la fiction*” - que trata da mistura entre os elementos autobiográficos e a ficcionais presentes na obra - e “*Humanité et universalité*”, que resume o enredo e tece comentários elogiosos à obra.

As notas de rodapé estão presentes nas duas traduções francesas – ver síntese das notas no Quadro 7. Na tradução de 1953 há 23 notas de rodapé - tendo em vista a ausência dos capítulos 28, 29, 30, 31 e 32 no exemplar utilizado, como dito anteriormente na introdução deste trabalho. Na tradução de 2013 são 27 notas de rodapé em todo o texto, estando quatro delas localizadas entre os cinco capítulos aos quais não temos acesso na tradução de 1953 (28,

29, 30, 31 e 32), ou seja, em condições iguais tem-se o mesmo número de notas de rodapé (23).

Quanto ao conteúdo das notas, a tradução de 1953 apresenta:

- Notas explicativas. Como exemplo de nota explicativa: “*Écrivain portugais du XVIII siècle, auteur de nombreux écrits pour enfants.*”³²;
- Notas que contêm a tradução de nomes próprios mantidos em português no corpo textual. Exemplo: “*Le puits des pierres.*”³³ como nota de “Poço das Pedras”;
- Nota que contém a tradução de nomes próprios mantidos em português no corpo textual e com a presença de explicação. Exemplo: “*Les Deux-Frères: petite ville assez proche de Recife.*”³⁴ como nota de “Dois Irmãos”.

Já as notas de rodapé da tradução de 2013 são todas de conteúdo explicativo:

- No corpo textual são mantidos os nomes próprios em português. Exemplo desse procedimento diz respeito ao termo “doutor” utilizado para os senhores de engenho e que se encontra no corpo textual com a seguinte nota de rodapé “Sem relação com a medicina, o termo doutor designa uma pessoa que estudou ou se formou em uma universidade”³⁵;
- Quando o termo não é mantido em português no corpo textual, aparece na nota o termo presente no texto de partida, objetivando a explicação. Exemplo desse procedimento é a tradução *Grosse-Tête* presente no corpo textual com a seguinte nota “Cabeção no texto”³⁶.

Notas de rodapé	
1953	2013
Trancoso - Écrivain portugais du XVIII siècle, auteur de nombreux écrits pour enfants. (p.25)	Doutor - Sans rapport avec la médecine, le terme <i>doutor</i> désigne une personne ayant fait des études ou diplômée de l'université. (Tout les notes sont de la traductrice.) (p.9)
Colonel - Colonel de la “Guardia Nacional”, corps de volontaires créé pendant la guerre du Paraguay, dissout em 1920. Même après la fin de	Trancoso - Écrivain portugais du XVI siècle. Ses histoires extraordinaires et invraisemblables, basées sur les récits oraux populaires et les figures

³² “Escritor português do século XVIII, autor de vários livros para crianças.”

³³ “O poço das pedras”

³⁴ “Os Dois Irmãos: pequena cidade próxima de Recife”

³⁵ “Sans rapport avec la médecine, le terme *doutor* désigne une personne ayant fait des études ou diplômée de l'université.”

³⁶ “Cabeção dans le texte.”

cette guerre, il était honorifique d’y appartenir. On pouvait, contre une somme d’argent, y obtenir le grade de colonel. (p.34)	et faits marquants de l’histoires ibérique, furent la source d’inspiration de nombreuses oeuvres de la <i>literatura de cordel</i> , cette littérature typique du Nordeste vendue sur les marchés. (p. 10)
Poço das Pedras - Le puits des pierres. (p.40)	Coronel - Ce terme, sans rapport avec la hiérarchie militaire, est utilise dans l’intérieur du Brésil pour designer un chef politique, en general grand propriétaire. (p.14)
Dois Irmaos - Les Deux-Frères: petite ville assez proche de Recife. (p. 42)	Marizeira - Arbre du Nordeste (<i>Calliandra spinosa</i>), caractéristique de la <i>caatinga</i> . Ses fleurs odorantes sont blanches quand elles sont jeunes puis deviennent roses, ce qui donne à cet arbre une importante valeur décorative. (p.19)
Poço-Fondo - Puits profond. (p.57)	Seu - Pronom de traitement, abréviation de Senhor (Monsieur) utilisé autrefois pour marquer le respect, la déférence – aujourd’hui utilisé de façon très généralisée. (p.23)
Cana Brava - Canne sauvage. (p.59)	Sertão - Zone géographique du Nordeste du Brésil d’environ million de kilomètres carrés, au climat semi-aride, également connue comme le “polygone de la sécheresse”. Son sens originel signifie l’arrière-pays, le fin fond, par opposition au littoral. (p.30)
Zé Passarinho - Zé Passarinho: Joseph petit oiseau. (p.65)	Cangaceiro - Bandit nomade du sertão du Nordeste. La formation de ces bandes lourdement armées s’inscrit dans une revolte contre la domination des propriétaires terriens (les coronels) et le gouvernement. Bandits sociaux, Robin des Bois cruels et généreux à la fois, ils étaient détestés et vénérés. (Voir le roman que José Lins do Rego leur a consacré, <i>La Horde sauvage</i> (<i>Cangaceiros</i>), Éditions Anacaona, 2013). (p.31)
Maria Menina - Petite Marie. (p.66)	Caja - Le <i>caja</i> , ou mombin, est le fruit du prunier mombin (<i>cajazeira</i>). C’est um fruit à gros noyau, jaune vif, à la saveur acidulée et légèrement adstringente. (p.35)
Palha - Rue de la Paille, (sans doute parce que toutes les maisons étaient recouvertes de chaume). (p.83)	Jagua - La jagua, ou <i>Genipa americana</i> , est um petit arbre cultive pour ses fruits comestibles. Les Amérindiens utilisaient traditionnellement ses baies pour se peindre le corps, le jus prenant au contact de la peau une couleur bleu nuit. (p. 36)
Engenho-Novo - Nouvelle plantation. (p. 101)	Caatinga - Écosystème et type de végétation du Nordeste du Brésil, constitué de cactos, buissons et arbustes épineux adaptés à l’aridité de la région et au sertão. <i>Caatinga</i> signifie “forêt blanche” en tupi, même si pendant la saison des pluies, la caatinga devient toute verte. (p. 45)
Serf - <i>Serf</i> . Le mot employé dans le texte est: <i>cabra</i> . Il désigne le tierceron, qui, à l’époque où se déroule ce livre, travaille sur les terres de son	Cazuza - Autre surnom donné au grand-père José (Zé) Paulino. (p. 47)

<p>maître dans des conditions souvent proche de celles de l'esclavage. C'est parmi les <i>cabras</i> de son domaine que le maître choisissait, quand il était en litige avec um de ses voisins au sujet des limites de sa plantation, les tueurs à petits gages qui devaient le débarrasser du voisin encombrant, ou les gardes du corps qui le protégeaient des embuscades que celui-ci pouvait lui tendre. (p. 115)</p>	
<p>Caiporas - Caipora: personnage fantastique, qui, selon les régions, est représenté soit comme une femme unijambiste qui marche en sautant, soit comme un enfant à grosse tête, soit um homme colossal monté sur um sanglier. (p. 126)</p>	<p>Zumbis - Dans la croyance afro-brésilienne, fantôme qui erre dans la nuit. (p. 73)</p>
<p>Pataca-Lissa - Grippe-sou. (p. 137)</p>	<p>Caiporas - Être fantastique d'origine tupi représenté selon les régions par une femme unijambiste sautillante, un enfant à la tête enorme, un géant monté sur un cochon sauvage, etc. (p.73)</p>
<p>Maria Gorda - La grosse Marie. (p.144)</p>	<p>Bicho-carrapatu - Gilberto Freyre le décrit comme un "animal mystique, horrible, indéfinissable". (p. 74)</p>
<p>Baronesa - Sorte de nymphéacée. (p. 160)</p>	<p>Chèvre-cabriole - Sorte de chèvre, mi-animal, mi-monstre, qui dégage des flammes et de la fumée par les yeux, les naseaux et la bouche. Elle n'attaque que les vendredis soirs et se glisse parfois dans les maisons, à la recherche des enfants mal élevés et turbulents... (p.74)</p>
<p>Contos de reis - Conto de reis = mille cruzeiros. (p. 218)</p>	<p>Mule-du-curé - Mule sans tête. (p.74)</p>
<p>Treize mai - 13 mai 1888, date de l'abolition de l'esclavage. (p.218)</p>	<p>Commères - La commère designe, pour un parente, la marraine de ses enfants. Le terme est également utilisé par extension pour designer une amie, une voisine, etc. (p.93)</p>
<p>Bonito - Joli. (p.219)</p>	<p><u>Lieues - Au Brésil, ancienne unité de mesure de superficie agraire équivalant à 4 365 hectares. (p.110)</u></p>
<p>Concris - Petit oiseau du Brésil. (p.228)</p>	<p><u>Lieues - Au Brésil, la lieue est également une ancienne unite de mesure itinéraire, équivalant à 6 600 mètres. (p.110)</u></p>
<p>Cabeça Gorda - Grosse tête. (p. 239)</p>	<p><u>Zé Povo - C'est le Monsieur Tout-le-monde brésilien. (p.120)</u></p>
<p>Mulatinhos - Sorte de haricots noirs. (p.257)</p>	<p><u>Cabloco - Métisse de Blanc et d'Indien. (p.126)</u></p>
<p>Crumatau - Fleuve du nord-est du Brésil. (p.260)</p>	<p>Contos de réis - Le réis est l'ancienne unite monétaire brésilienne. Un <i>conto</i> équivaut à mille réis. (p.131)</p>
<p>Pega-pinto - Littéralement: attrape-oiseau.</p>	<p>13 mai - 13 mai 1888: date officielle de l'abolition de l'esclavage au Brésil. Cependant, le</p>

Espèce de mourillon. (p.274)	mouvement abolitionniste a été graduel: la loi Eusébio de Queiros (1850) interdit la traite atlantique, la loi du Ventre libre (1871) libéra tous les esclaves de plus de 60 ans et enfin, la loi d'Or, signée par la princesse Isabelle le 13 mai 1888, aboli définitivement l'esclavage. (p.131)
	Baedecker - Écrivain allemand à qui l'on attribue l'invention du guide de voyage moderne. (p.135)
	Grosse-Tête - <i>Cabeção</i> dans le texte. (p.145)
	Gonguê - Petit tambour au son sec et sourd, utilise dans certaines danses d'origine afro-brésilienne. (p.150)
	Feijão - Haricot noir. (p.155)

Quadro 7 - Levantamento das notas de rodapé presentes nas traduções

As notas de rodapé constantes da coluna “2013” que estão sublinhadas (Lieues, Lieues, Zé Povo, Caboclo) correspondem às notas que se encontram entre os capítulos 28, 29, 30, 31 e 32. Assim, com relação às notas de rodapé, observa-se que na tradução de 2013 há um maior cuidado com essa ferramenta, utilizada como recurso mais informativo/explicativo que na tradução de 1953, e tendo por finalidade inserir e auxiliar o leitor na construção de sentido do texto e contexto de partida (a partir do momento em que o texto apresenta elementos que estão ligados a fatos históricos, geográficos, culturais, entre outros).

4.2 ANÁLISE MACRONÍVEL

Lambert e Van Gorp (2011) abordam na seção *macronível* aspectos como: a divisão do texto e o título dos capítulos. A primeira edição de *Menino de engenho* (1932) apresenta-se dividida em 40 partes (cada parte foi considerada como um capítulo); a divisão do texto é feita por meio de três asteriscos (***) centralizados na página e não há presença de título para os capítulos. No entanto, a divisão do texto adotada na 45ª e na 104ª edições da obra em português substitui os asteriscos por algarismos arábicos, a ausência de títulos nos capítulos sendo, contudo, mantida.

Com relação à divisão do texto adotada nas traduções, verifica-se que a tradução de 1953 está dividida em 40 capítulos apresentados em algarismos romanos (p.ex. *CHAPITRE II*), exceto o primeiro capítulo (*CHAPITRE PREMIER*). A tradução de 2013 também está dividida em 40 capítulos, sendo enumerados em algarismos arábicos (1, 2, 3...) sem que haja

menção a “*CHAPITRE*”. Assim como as edições brasileiras, as edições francesas não apresentam títulos nos capítulos.

A decisão de enumerar os capítulos, que no texto de partida são divididos por símbolos, pode ser meramente sistemática. O uso da indicação do capítulo acompanhado dos algarismos romanos (*CHAPITRE II*) é uma maneira mais clássica e formal de apresentar os capítulos, retomando a ideia de que essa tradução teria como alvo um público mais restrito e exigente. O uso dos algarismos arábicos é mais atual e não possui a carga clássica presente nos algarismos romanos. Tendo em vista a intenção que a tradutora apresenta para justificar as ilustrações, pode-se considerar essa escolha como mais uma forma de aproximar a obra e tornar esse texto mais semelhante aos textos com os quais o leitor se depara no cotidiano.

4.3 ANÁLISE MICRONÍVEL

Na seção *micronível* do modelo proposto por Lambert e Van Gorp, os pesquisadores abordam, entre outros aspectos, a seleção de palavras, a modalidade e os níveis de linguagem. No presente trabalho, escolhemos o capítulo quatro, que traz elementos da culinária nordestina, para analisar o micronível. Esta escolha se deve ao fato de considerarmos a culinária um item importante na construção da imagem de um povo e de uma cultura, e de pensarmos que as escolhas tradutórias nesse ponto apresentam um desafio maior para o tradutor, já que tratam de elementos culturais bastante expressivos da cultura do outro.

No capítulo quatro, encontramos três trechos com referências à culinária.

O primeiro trecho apresenta as seguintes referências: “rolete de cana” e “bolos de goma”.

A tradução de 1953 inverte a ordem da sentença e apresenta as respectivas escolhas “*rouleaux de canne à sucre*” e “*galettes de manioc*”. A palavra *rouleaux* faz referência ao formato cilíndrico, em português, rolo. Já a palavra *galettes* é definida³⁷ como um “bolo redondo e plano, à base de farinha ou de feculentos, cozido ao forno ou frigideira.”³⁸.

A tradução de 2013 mantém a ordem da sentença e apresenta as respectivas escolhas “*morceaux de sucre plantés sur des piques en bois*” e “*gâteaux de tapioca*”. A palavra *sucré*, é definida como um “produto alimentar, substância de sabor muito doce, solúvel na água,

³⁷ Nessa seção, faz-se uso do dicionário *le Petit Robert* (2014) a título de conhecimento e compreensão da definição dos termos expressos nas traduções, sem o objetivo de expressar um juízo de valor sobre as escolhas.

³⁸ “Gâteau rond et plat, à base de farine ou de féculents, cuit au four ou à la poêle.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

fabricado industrialmente com a cana-de-açúcar ou a beterraba.”³⁹. Já a palavra *gâteaux* é “confeitaria comumente à base de farinha, de manteiga e de ovos, geralmente doce.”⁴⁰

L’Enfant de la plantation (1953)	L’Enfant de la plantation (2013)	Menino de engenho (1932) ⁴¹
“Des gens affairés donnaient ou recevaient des paquets, des enfants passaient, <u>chargés de rouleaux de canne à sucre ou des galettes de manioc.</u> ”	“Des enfants passaient, <u>proposant des morceaux de sucre plantés sur des piques en bois et des gâteaux de tapioca,</u> des gens affairés donnaient ou recevaient des paquets.”	“Passavam meninos <u>com roletes de canna e bôlos de gomme,</u> e uma gente apressada a dar e a receber recados.”

Quadro 8 - Primeiro trecho micronível

Para o termo regional brasileiro “rolete”, a tradução de 1953 opta por fazer referência apenas ao formato (rolos), diferentemente da tradução de 2013, na qual a tradutora opta por descrever o “rolete de cana”, de modo a facilitar a compreensão do regionalismo para o leitor.

Ao optar por *galettes*, termo mais específico e que em sua definição aborda o formato e preparo da iguaria, a tradução de 1953 direciona o leitor a certo tipo de “bolo”. Diferentemente da tradução de 2013 que opta por *gâteaux*, que em sua definição é mais geral e, por isso, não direciona o leitor a uma construção de imagem específica.

A partir das referências observadas, podemos afirmar que as escolhas da tradução de 1953 em relação às escolhas da tradução de 2013 resultam em sentenças mais curtas e com características estrangeirizadoras⁴², enquanto que uma das escolhas da tradução de 2013 se apresenta em forma de descrição, sendo, portanto, uma sentença maior e com características de uma tradução mais facilitadora.

O segundo trecho apresenta as seguintes referências à culinária: “goiabas”, “jambos”, “laranjeiras” e “jaqueiras”.

L’Enfant de la plantation (1953)	L’Enfant de la plantation (2013)	Menino de engenho (1932)
<u>Goyaves</u>	<u>Goyaves</u>	<u>Goiabas</u>
Jamboises	Pomme d’amour	Jambos
<u>Orangers</u>	<u>Orangers</u>	<u>Laranjeiras</u>
Arbres à pain	Jaquiers	Jaqueiras

Quadro 9 – Termos do segundo trecho micronível

³⁹ “Produit alimentaire, substance de saveur très douce, soluble dans l’eau, fabriquée industriellement avec la canne à sucre ou la betterave sucrière.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁴⁰ “Pâtisserie ordinairement à base de farine, de beurre et d’œufs, le plus souvent sucrée.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁴¹ As passagens transcritas na coluna *Menino de engenho* (1932), que integra os Quadros de 6 a 10, foram extraídas da primeira edição da obra.

⁴² Características estrangeirizadoras que estão relacionadas ao chamado ato ético que “consiste em reconhecer e receber o Outro enquanto Outro” (BERMAN, 2013, p. 95)

As traduções de “goiaba” e “laranjeiras” não diferem, pois “*goyave*” e “*orangers*” são equivalentes ao português. Segundo o *le Petit Robert*, são respectivamente: “fruta da goiabeira, fruto perfumado e doce”⁴³ e “árvore frutífera, com folhagem luzente, persistente e perfumada, originária da China, que produz as laranjas”⁴⁴

Para o termo “jambos” as escolhas tradutórias diferem. A escolha da tradução de 1953 é “*jamboise*”, termo que não consta no dicionário. No entanto, consta o termo “*jambose*” que corresponderia ao jambo e apresenta a seguinte definição: “fruta do jambeiro, também chamado *maçã de rosa* (pelo odor).”⁴⁵ Com isso, pode-se supor que tenha ocorrido um erro de digitação e/ou edição ou ainda que a variante “*jamboise*” exista, mas não foi registrada no *le Petit Robert*. Para o mesmo termo, a tradução de 2013 apresenta “*pomme d’amour*”. A definição para “*pomme d’amour*” é “[maçã] revestida de caramelo e fixada na ponta de um palito”⁴⁶ ou como sinônimo de “tomate”. Porém, encontra-se em uma página na Internet (página de divulgação do Camboja⁴⁷) a expressão *pomme d’amour* como sinônimo de *jambose*.

O termo “jaqueiras” também apresenta diferença entre as traduções. A tradução de 1953 é “*arbres à pain*”, que possui como sinônimo “*artocarpe*”: “árvore lactescente da Ásia tropical e da Oceania, também chamada *arbre à pain*, cujo fruto comestível tem uma carne branca, feculenta.”⁴⁸ Para o mesmo termo, a tradução de 2013 é “*jaquiers*”, definida da seguinte maneira: “árvore lactescente das regiões tropicais, muito próxima da *arbre à pain*.”⁴⁹

⁴³ “Fruit du goyavier, baie parfumée et sucrée.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁴⁴ “Arbre fruitier, au feuillage luisant, persistant et parfumé, originaire de Chine, qui produit les oranges.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁴⁵ “Fruit du jambosier, appelé aussi *pomme de rose* (pour l’odeur).” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁴⁶ “Pomme d’amour, enrobée de caramel et fixée au bout d’un bâton de sucette.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.visiting-cambodia.com/cuisine/produits/fruits/pomme-d-amour.html>>

⁴⁸ “Arbre lactescente de l’Asie tropicale et de l’Océanie, appelé aussi *arbre à pain*, dont le fruit comestible a une chair blanche, féculente.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁴⁹ “Arbre laticifère des régions tropicales, très voisin de l’arbre à pain.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

L'Enfant de la plantation (1953)	L'Enfant de la plantation (2013)	Menino de engenho (1932)
“Nous allâmes chiper des <u>goyaves et des jamboises</u> au potager. A vrai dire, ce que nous appellions potager ressemblait plutôt à une sorte d’immense verger. Une partie de mon enfance allait s’écouler à l’ombre de ces <u>orangers et de ces plantureux arbres à pain</u> .”	“Nous allâmes chiper des <u>goyaves et de pommes d’amour</u> dans le potager – à vrai dire, ce que nous appelions potager ressemblait plutôt à un immense verger. Une grande partie de mon enfance allait s’écouler à l’ombre de ces <u>orangers et de ces plantureux jaquiers</u> .”	“E fomos à horta para tirar <u>goiabas e jambos</u> . O que chamavam de horta era um grande pomar. Muito de minha infância eu iria viver por ali, por debaixo daquellas <u>laranjeiras e jaqueiras gordonas</u> .”

Quadro 10 - Segundo trecho micronível

A partir das escolhas observadas é possível afirmar que, embora sejam diferentes no nível lexical, são consideradas sinônimos (no caso de *jambose* e *pomme d’amour*) e que a variação de espécie (no caso de *arbres à pain* e *jaquiers*) não compromete a construção de sentido. No entanto, com relação a *arbres à pain* e *jaquiers*, a escolha da tradução de 1953 opta por um termo que remete à Ásia e à Oceania, enquanto que, ao optar por um termo que remete às regiões tropicais, a tradução de 2013 se encontra culturalmente mais próxima do Brasil.

O terceiro e último trecho apresenta as seguintes referências à culinária: “cuscuz”, “milho cozido”, “angu”, “macaxeira” e “requeijão”.

L'Enfant de la plantation (1953)	L'Enfant de la plantation (2013)	Menino de engenho (1932)
Couscous	Semoule	Cús-cús
<u>Maïs cuit</u>	<u>Maïs cuit</u>	<u>Milho cozido</u>
Bouillie de manioc	Bouillie	Angú
Manioc doux	Manioc	Macaxeira
<u>Fromage blanc</u>	<u>Fromage blanc</u>	<u>Requeijão</u>

Quadro 11 - Termos do terceiro trecho micronível

As traduções de “milho cozido” e “requeijão” não diferem, pois “*maïs cuit*” corresponde à tradução mais esperada, assim como “*fromage blanc*”, que é definido como “leite coalhado com textura untuosa ou granulosa”⁵⁰.

As traduções diferem para os demais termos. Para o termo “cuscuz”, a tradução de 1953 opta por “*couscous*”, definido como “prato originário do Maghreb, composto de farinha granulada, servido com carne ou peixe, legumes e molhos picantes”⁵¹. Já a tradução de 2013

⁵⁰ “Fromage blanc: lait caillé égoutté, à texture onctueuse ou granuleuse.” (LE PETIT ROBERT)

⁵¹ “Plat originaire du Maghreb, composé de semoule roulée en grains, servie avec de la viande ou du poisson, des légumes et des sauces piquantes.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

opta pelo termo “*semoule*”, definido como “farinha granulada que se obtém dos trigos duros, utilizada para a fabricação de massas, sopas, cuscuz, *entremets*, etc.”⁵². Com essa diferença, pode-se inferir que a tradução de 1953 buscou um termo na culinária de uma região francófona que equivallesse ao português, diferentemente da tradução de 2013, que optou por generalizar com um termo francês. A partir disso, pode-se pensar na primeira tradução como facilitadora para o leitor e, a segunda, mais “estrangeira”, pois fica a cargo do leitor compreender informações, por exemplo, sobre a composição do alimento e seu modo de preparo.

Para os termos “angu” e “macaxeira”, as traduções apresentam os mesmos termos com variações. Para “angu”, a tradução de 1953 optou por “*bouillie de manioc*”, enquanto que a tradução de 2013 optou apenas pelo termo “*bouillie*”. Segundo definição, *bouillie* é “alimento mais ou menos pastoso feito de leite ou de um outro líquido e de farinha fervidos juntos, destinado sobretudo aos bebês que ainda não tem dentes.”⁵³ Já para “macaxeira”, a tradução de 1953 optou por “*manioc doux*” enquanto que a tradução de 2013 optou apenas pelo termo “*manioc*”. Segundo definição, *manioc* é “arbusto das regiões tropicais cuja raiz fornece uma fécula alimentar.”⁵⁴ De acordo com o dicionário brasileiro Houaiss (2009), a macaxeira é sinônimo de mandioca, porém a segunda é definida como:

Arbusto (*Manihot esculenta*) da fam. das euforbiáceas, nativo da América do Sul, de folhas membranáceas, inflorescências ramificadas e frutos capsulares, cultivado pelas raízes tuberosas, muito semelhantes às do aipim e tb. ricas em amido e de largo emprego na alimentação, embora sejam ger. mais venenosas e freq. us. apenas para a produção de farinha de mandioca, farinha-d'água e ração animal.

No entanto, entre os sinônimos de mandioca, encontra-se a “mandioca-doce”, que apresenta-se como sinônimo de “aipim” definido como:

Arbusto de até 4 m (*Manihot palmata*), da fam. das euforbiáceas, de folhas partidas, pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares; macaxeira, macaxera, mandioca, mandioca-doce, mandioca-mansa [Nativo do Brasil, é muito semelhante à mandioca (*Manihot esculenta*) e tb. cultivado, com inúmeras variedades, pelas raízes tuberosas, de elevado teor alimentício e ger. menos venenosas.]

A partir dessas definições, é possível afirmar que “*manioc*”, se contraposto ao “*manioc doux*”, é mais geral. Porém, essa diferença não prejudicaria a produção de sentido. Ao optar por

⁵² “Farine granulée qu’on tire des blés durs, utilisée pour la fabrication des pâtes, des potages, du couscous, des entremets, etc.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁵³ “Aliment plus ou moins épais fait de lait ou d’un autre liquide et de farine bouillis ensemble, destiné surtout aux bébés qui n’ont pas encore de dents.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

⁵⁴ “Arbrisseau des régions tropicales, dont la racine fournit une fécula alimentaire.” (LE PETIT ROBERT, 2014)

“*manioc doux*”, a tradutora da edição de 1953 ressalta a diferença entre a mandioca (geralmente mais venenosa e usada apenas para a produção de farinha de mandioca) e a mandioca-doce ou macaxeira (apropriada para alimentação).

L'Enfant de la plantation (1953)	L'Enfant de la plantation (2013)	Menino de engenho (1932)
“Tous les plats que comportait le petit déjeuner: <u>couscous, maïs cuit, bouillie de manioc, manioc doux, fromage blanc.</u> ”	“Tous les plats étaient posés sur la table: <u>semoule, maïs cuit, bouillie, manioc, fromage blanc.</u> ”	“Tudo o que era para se comer estava à vista: <u>cús-cús, milho cozido, angú, macacheira, requeijão.</u> ”

Quadro 12 - Terceiro trecho micronível

Com base nas observações anteriores, pode-se dizer que a tradução de 1953 é, por vezes, mais estrangeirizadora que a tradução de 2013, como é o caso da escolha para “rolete de cana”. Em outros casos, mais específica, como, por exemplo, a escolha do termo *galettes*, fazendo referência ao formato e preparo, e que na tradução de 2013 é mais geral. Ou ainda a preferência de 1953 pelo termo *couscous* baseada na domesticação⁵⁵, em que a solução escolhida é um termo de uma região francófona.

Apesar da conhecida dificuldade de traduzir itens culturais, neste caso a gastronomia, as tradutoras optaram por não fazer uso de notas de rodapé e, com isso, pode-se supor que i) elas consideraram as escolhas satisfatórias e suficientes no âmbito de seus objetivos e público-alvo ou, ii) no caso da primeira tradução, Jeanne Worms-Reims não teria tido a liberdade de utilizar esse recurso; e na segunda tradução, ao acumular as funções de tradutora, prefaciadora e editora, Paula Anacaona teria tido uma maior liberdade para o uso das notas de rodapé, embora também não tenha feito uso desse recurso.

⁵⁵ Características domesticadoras que estão relacionadas a tradução etnocêntrica que “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela - o Estrangeiro - como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (BERMAN, 2013, p. 39)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo consistiu em uma análise descritivo-comparativa de duas traduções francesas (*L'Enfant de la plantation*) do romance *Menino de engenho*. O modelo descritivo de tradução proposto por Lambert e Van Gorp (2011) é abrangente e, tendo em vista as limitações (de tempo e espaço) de um trabalho desta natureza, priorizamos alguns pontos do modelo. Nos dados preliminares, macronível e micronível foram analisados e comparados os seguintes aspectos: capa, página de rosto, quarta capa, prefácio, notas de rodapé, divisão do texto e seleção de palavras, bem como os elementos que os compõem. Se compararmos a presente análise com o modelo de descrição de tradução, é possível observar que haveria ainda muitos pontos a serem explorados nessas obras traduzidas.

Feita a análise dos dados preliminares, do macronível e do micronível, e também por meio das informações presentes nas contextualizações, é possível, a partir das reflexões de Genette (2009), confirmar a importância dos paratextos e dos discursos de acompanhamento para a inserção e contextualização de uma obra traduzida. O período de sessenta anos que separa uma tradução da outra é significativo e visível desde a apresentação da obra às notas de rodapé. Como visto, a hipótese de que a tradução de 2013 apresenta indícios que demonstrem o desenvolvimento das teorias e do funcionamento delas na prática se confirma através de elementos como as ilustrações presentes na capa e na quarta capa e pela maior informatividade nas notas de rodapé.

Por meio do estudo descritivo é possível repensar sobre as escolhas nas traduções e o significado das mesmas, bem como no modo que se dá a produção e a inserção de uma obra estrangeira em determinada cultura, tendo em vista a possibilidade de conflitos entre os contextos históricos e culturais do país que recebe a obra traduzida e do país de origem.

Para a contextualização da tradução de 1953, não encontramos informações relacionadas à editora, à coleção ou mesmo à publicação; portanto, essa contextualização ficou limitada às informações disponíveis na obra e às descrições dos documentos - cartas enviadas de Paris a J. L. do Rego - que apresentam relação direta com essa tradução.

Apesar dos fatores que limitaram a análise - tais como a falta de informação disponível ou a necessidade de priorizar determinadas categorias de análise em detrimento de outras -, espera-se que novas pesquisas sejam desenvolvidas a partir do *corpus* apresentado, das cartas missivas a José Lins do Rego que não puderam ser aqui tratadas, e/ou a partir dos elementos apresentados neste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

ANACAONA, Paula. *Anacaona Éditions*. Les Editions Anacaona, un lien littéraire entre le Brésil et la France. Disponível em: <<http://www.anacaona.fr/les-editions-anacaona-une-passerelle-de-diffusion-de-la-litterature-bresilienne-en-france/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

ASSOULINE, Pierre. *La république des livres*. Comment transcrire le régionalisme de José Lins do Rego. França, 2013. Disponível em: <<http://larepubliquedeslivres.com/comment-transcrire-le-regionalisme-de-jose-lins-do-rego/>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

BARNY, Jean-Claude; TONUS, Leonardo. *Anacaona Éditions*. Les marginaux, moteurs de la culture? França, 2012. Disponível em: <<http://www.anacaona.fr/uncategorized/les-marginaux-moteurs-de-la-culture-interview-de-paula-anacaona-par-luniversite-de-paris-sorbonne/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. 2.^a ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. 200 p. (La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain [Francês e grego]). Tradução de: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan & Andréia Guerini.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*: introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Les conditions sociales de la circulation internationale des idées*. Trad. Luiz Felipe Martins Candido. Disponível em: <<http://ninjaufsj.files.wordpress.com/2011/08/as-condic3a7c3b5es-sociais-da-circulac3a7c3a3o-internacional-das-ideias-plural.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2013.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas*: Intercâmbios culturais entre França e Brasil. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CENDRARS, Blaise. La voix du sang. In: REGO, José Lins do. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Jeanne Worms-Reims. Paris: Deux-Rives, 1953.

EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferências, correspondência, traduções. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2001.

FIGUEIREDO JR. Nestor Pinto de. *José Lins do Rego*. João Pessoa: Edições FUNESC, 2001.

_____. Menino de engenho - a história de um livro. *D.O. Leitura*, São Paulo, v. 20, n. 6, p. 27-39, jun. 2002.

FREY, Luisa. *Traduções de autores brasileiros dão um salto após programa de incentivo*. Disponível em: <<http://www.dw.de/tradu%C3%A7%C3%B5es-de-autores-brasileiros->

d%C3%A3o-um-salto-ap%C3%B3s-programa-de-incentivo/a-16302892>. Acesso em: 04 ago. 2013.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. La traduction comme vecteur des échanges culturels internationaux. In: SAPIRO, Gisèle (Org.). *Translatio. Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS Éditions, 2008, p. 25-44.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. [CD-ROM]. 2009.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. Sobre a descrição de traduções. In: GUERINI, A.; TORRES, M.H.C.; COSTA, W.C. (Org.) *Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 208-223.

MARTINS, Marcia do Amaral. Peixoto. O papel da patronagem na difusão da literatura brasileira: o Programa de Apoio à Tradução da Biblioteca Nacional. In: GUERRINI, A.; TORRES, M.H.C.; COSTA, W.C. (Org.) *Literatura Traduzida & Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 39-52.

MELLER, Lauro Wanderley. Os Correspondentes Estrangeiros de José Lins do Rego. In: *Gênese e Memória - IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições*, 4., 1994, São Paulo: Annablume: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1995. p. 71-76.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Primeira edição. Rio de Janeiro: Adersen-Editores, 1932.

_____. _____. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

_____. _____. [recurso eletrônico] 104. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

_____. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Jeanne Worms-Reims. Paris: Deux Rives, 1953.

_____. *L'Enfant de la plantation*. Traduit par Paula Anacaona. Paris: Éditions Anacaona, 2013.

REY-DEBOVE, Josette; REY, Alain. (Org.) *Le Nouveau Petit Robert de la langue française*. Le Robert: France, 2014. [version électronique].

RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França-Brasil-Portugal*. Trad. Coordenada por Durval Ártico e Maria Letícia Guedes Alcoforado. São Paulo: Hucitec, 1995.

WERNER, Camila. O fluxo de Traduções do Brasil para o Exterior: Seis Estudos de Caso. *II Seminário livro e história editorial*. Anais. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/camila_werner.pdf> Acesso em: 15 jun. 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Excertos da entrevista concedida pela editora e tradutora Paula Anacaona para a autora desta monografia

Quando surgiu o interesse por Tradução Literária?

Paula Anacaona: Comecei a ser tradutora técnica. Numa viagem ao Brasil, conheci, por acaso, em um restaurante em Paraty, três mulheres de aproximadamente 70 anos, que ao perceberem que éramos estrangeiros começaram a conversar conosco. Quando falei que era tradutora, uma delas falou que era escritora, mas eu disse que não traduzia livros. Ela me convidou pra conhecer o seu escritório, no Rio de Janeiro, para me dar os seus livros. Eu li esses livros e realmente adorei. Justamente nessa época tinha períodos onde eu não tinha trabalho, então comecei a traduzir esses livros, e foi assim que começou. Essa escritora é Heloneida Studart, ela não é muito conhecida mas seus livros são muito bons, traduzi quatro livros dela para uma editora. Daí, comecei a pensar que seria melhor se eu tivesse minha editora e montei a *Anacaona* quatro ou cinco anos depois. De um lado foi bom, porque eu já tinha uma pequena experiência no mercado editorial, por outro, um pouco louco porque eu não tinha muitos contatos.

Você trabalha com alguma concepção específica de tradução?

PA: Sim. Por que muitas vezes a questão um pouco clássica é “o tradutor: autor ou não-sei-o-que”, e eu, realmente, não me sinto autor da obra. Me sinto muito como a babá. Às vezes é a babá que cria o filho, não são mais os pais. Então, a babá pode ter muito orgulho do filho, mas depois, ninguém vai falar que se o filho é bem criado foi o trabalho da babá. Sou um pouco assim, ou seja, sei que eu tenho um papel importante, eu amo esse filho como se fosse meu, mas sei que ele não é meu.

Quando você teve contato com a obra *Menino de engenho*?

PA: *Menino de engenho* não foi o primeiro livro de José Lins que eu li, eu comecei por *Fogo morto*. Na verdade, eu era a intérprete de Paulo Lins, o autor de *Cidade de Deus*, quando ele ia para a França, nos anos 2005/2006, e então ele viajava bastante e cada vez que ele ia para a França, eu era sua intérprete, e depois ele virou meu amigo. Engraçado que apesar dele ter essa fama de escritor da favela (e ele vem da favela) ele sempre leu clássicos e é um grande admirador de José Lins do Rego, e ele sempre me falou “*Fogo morto* é a minha obra preferida, eu adoro. Você tem que ler.”, então eu comprei e quando eu li (acho que meu

português não era assim tão bom como hoje), eu me apeguei com o livro e li várias vezes. Depois acho que foi *Cangaceiros* e *Menino de engenho* e, por enquanto, são os únicos livros dele que eu li. Na verdade, essa coisa de publicar *Menino de engenho* primeiro foi pura estratégia comercial, porque era o menor, e eu poderia traduzir mais rápido, e também por ser o primeiro livro dele, mas não é o meu preferido. Meu preferido é *Fogo morto*, porque, realmente, você tem todos os temas de José Lins, a decadência dos proprietários, a amargura das pessoas... tem tudo nesse livro, realmente, é uma obra-prima.

Como surgiu a ideia de criar a *Collection Terra*?

PA: Começou com José Lins do Rego. O meu marido, que cuida um pouco da parte das vendas, me falou “Você não pode vender José Lins e *Je suis favela* no mesmo formato. Não dá. As pessoas não vão entender nada.”, então, realmente foi o José Lins que me “incentivou” a fazer essa coleção, e agora tenho muitas ideias. Bom, eu acho que tem muitos autores do Nordeste para publicar.

De onde vem o interesse em especial por temas ligados à cultura regionalista?

PA: Vem da minha trajetória pessoal, eu sempre gostei de margem. E então, na cidade são os favelados e eu acho que o Nordeste é a margem do Brasil. Ninguém fala dele, é a pessoa invisível do Brasil, mas que sem ele, o Brasil não funciona. Então pode ser que no começo tenha sido isso e que eu tenha me reconhecido muito nessa cultura de aridez, de fazer coisas com pouco, me sinto muito perto disso. Por exemplo, fiz três meses de português em 2002 e depois parei, e a minha professora de português sempre falava que fui brasileira numa vida passada, para explicar um pouco como eu aprendi português tão rápido e, talvez, fui uma nordestina.

O contato com a tradução de 1953 foi anterior, durante ou posterior ao seu processo tradutório?

PA: Foi antes. Na verdade, eu tinha lido em português, li em francês e não gostei da tradução. Então achei pertinente, além do fato de estar esgotado, fazer uma nova tradução.

Para qual público você direcionou essa tradução?

PA: Para os franceses que não tem relação com o Brasil. Porque não aguento mais essas mesas redondas que eu faço em Paris, quando vou para apresentar um livro e só tem marido de brasileira, mulher de brasileiro, brasileiro que estuda em Paris e francês que se apaixonou

pelo Brasil. Eu quero que um público francês que não tem nenhuma relação com o Brasil leia esses livros, realmente esse foi meu desafio. Como foi também para o *Je suis favela*, que não funcionou, porque foi justamente esse público que leu o *Je suis favela* e eu pensava que ia refletir para um pessoal da periferia na França.

Qual a sua intenção ao ilustrar o livro?

PA: Quando montei minha editora, minha intenção, desde o começo, foi ilustrar os livros. Eu sou um pouco utópica, mas era justamente fazer a Revolução da Literatura, porque muitas artes fizeram a revolução do século XXI. Por exemplo, o grafite agora é arte plástica e está nas galerias, até os bens de consumo fizeram a revolução do design, então agora, tudo tem que ser bonito, arrumado, e eu acho que o livro é quase o único bem de consumo que não fez essa revolução estética. No Brasil um pouco menos, vocês são mais criativos. Mas na França, os livros são muito feios, muito clássicos e se as pessoas agora vão comprar *e-book*, é porque realmente o livro com um papel vagabundo, com uma capa feia, não atrai. Mas entre o meu livro *Menino de engenho* e um *e-book*, talvez a pessoa prefira o papel. Penso que isso é uma maneira de salvar o papel e também porque eu constatei que todos os meus amigos não leem, eu sou a única que lê. Cada vez que eles vão na minha casa e veem as pilhas de livros, perguntam: “Mas como você faz para ler tanto? Eu não consigo!” mas ao mesmo tempo, esses amigos são formados, inteligentes, veem filmes, vão à exposições, mas livros eles não leem, justamente por essa coisa de sedução, que o livro não tem. Por exemplo, até mesmo nas exposições em Paris, nos museus, mesmo lá você vai ter interação, vídeo, você pode fazer alguma coisa com o seu *smartphone*, sendo mais interativo, e o livro não é. É por isso que quero publicar histórias para esse público que não lê mais, porque todas as editoras francesas estão chorando sobre o mercado que todo ano cai, e não se perguntam por que cai. Então tem algumas questões: ou os livros não são bons, ou eles que não podem fazer concorrência com as outras distrações. Tem que mudar alguma coisa. Então minha ideia era atrair um público mais jovem, que pode ser seduzido pelas imagens. Em todos os livros coloco fotografias, e a xilogravura começou também para diferenciar a *Coleção Terra* da *Coleção Urbana* e porque me pareceu muito lógico colocar xilogravura na obra do Nordeste.

Quais os critérios utilizados para as notas de rodapé?

PA: Eu não estabeleci critérios antes de começar, quando achava que o francês não ia entender, perceber a emoção, a situação, eu pensava na nota de rodapé. E depois, acho que apaguei uma ou duas. Eu não planejo muito, faço as coisas quando chegam. Tem gente que

pensa muito antes e que depois, quando faz, já faz direto. Eu faço muito rápido e depois eu volto, às vezes mudo algumas coisas.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Compromisso de Originalidade

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

Eu, FLORA MARINA FIGUEIREDO AJALA, 2658000, na qualidade de aluna da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;
- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto **PLÁGIO**, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;
- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como as longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informada e orientada a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;
- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informada e orientada a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

A Professora responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.

João Pessoa, 29/08/2013.

FLORA MARINA FIGUEIREDO AJALA

ANEXO B – Certidão de nascimento de José Lins do Rego (frente)

REGISTRO CIVIL
Espírito Santo
Estado da Paraíba

Luiz de Moura Rezende, Oficial do Registro Civil de nascimento casa-
mente e obito da Sede da Comarca de Espírito-Santo do Estado da Pa-
raíba do Norte, em virtude da lei etc.

" CERT IDAO "

CERTIFICO por me ser verbalmente pedido, por parte interessado que re-
vendo no archivo de meu cartorio no livro findo de assento de nasci-
mento no de numero primeiro dêle as folhas cento e quarenta e cinco
e verso, consta o assento de nascimento do teor seguinte: Nº. 284. Aos
trinta dias do mez de Junho do anno de mil novicentos e um, neste des-
tricto de Paz de São Miguel doTaypú, termo da Villa de Espírito-San-
to Comarca do Estado da Parayhba do Norte, compareceu em meu cartorio
João do Rêgo Cavalcante Sobrinho, e em presenças das testemunhas abai-
xo nomeadas e assignadas declarou. Que aos tres dias do mez de Junho
do anno de mil novicentos e um no logar do Engenho Tapuá deste termo
nasceu uma criança do sexo masculino filho legitimo de João do Rêgo
Cavalcante Sobrinho e sua espôza Amelia Lins Cacalcante de Albuquer-
que, neto paterno de José do Rêgo Cavalcante de Albuquerque e Antonia
Cezar Bizzera de Andrade. Neto materno de José Lins Cavalcante de Al-
buquerque e Joanna Bizzera Cavalcante de Albuquerque. Foi baptisado
e teve o nome de José Lins do Rêgo Cavalcante, foram seus padrinhos
os avos maternos. Do que para constar faço este assento em que comigo
assignaram o declarante e as testemunhas Joaquim Pereira de Castro
e João Cezar Falcão. Eu João Carlos Cezar Falcão Escrivão e escrevi.
Ass). João do Rêgo Cavalcante Sobrinho, Joaquim Pereira de Castro e
João Cezar Falcão. Era so o que se continha em dito assento aqui bem
e fielmente copiado do original, do que me resposto e dou-fé. Eu Luiz
de Moura Rezende Oficial do Registro Civil que datilografei dato e
assigno.


Busca... 60\$000
Certidão 3\$000
Rais... 2\$800
Sêlos... 2\$300
Total Rs 68\$100

17/10 1910
18/10 1910
19/10 1910
20/10 1910
21/10 1910
22/10 1910
23/10 1910
24/10 1910
25/10 1910
26/10 1910
27/10 1910
28/10 1910
29/10 1910
30/10 1910

PARAIBA
SELO ADESIVO
1000
500
100


DJALMA DA
SERVENTE
2.º Substituto
T. 29-5317

Certidão de nascimento de José Lins do Rego (verso)

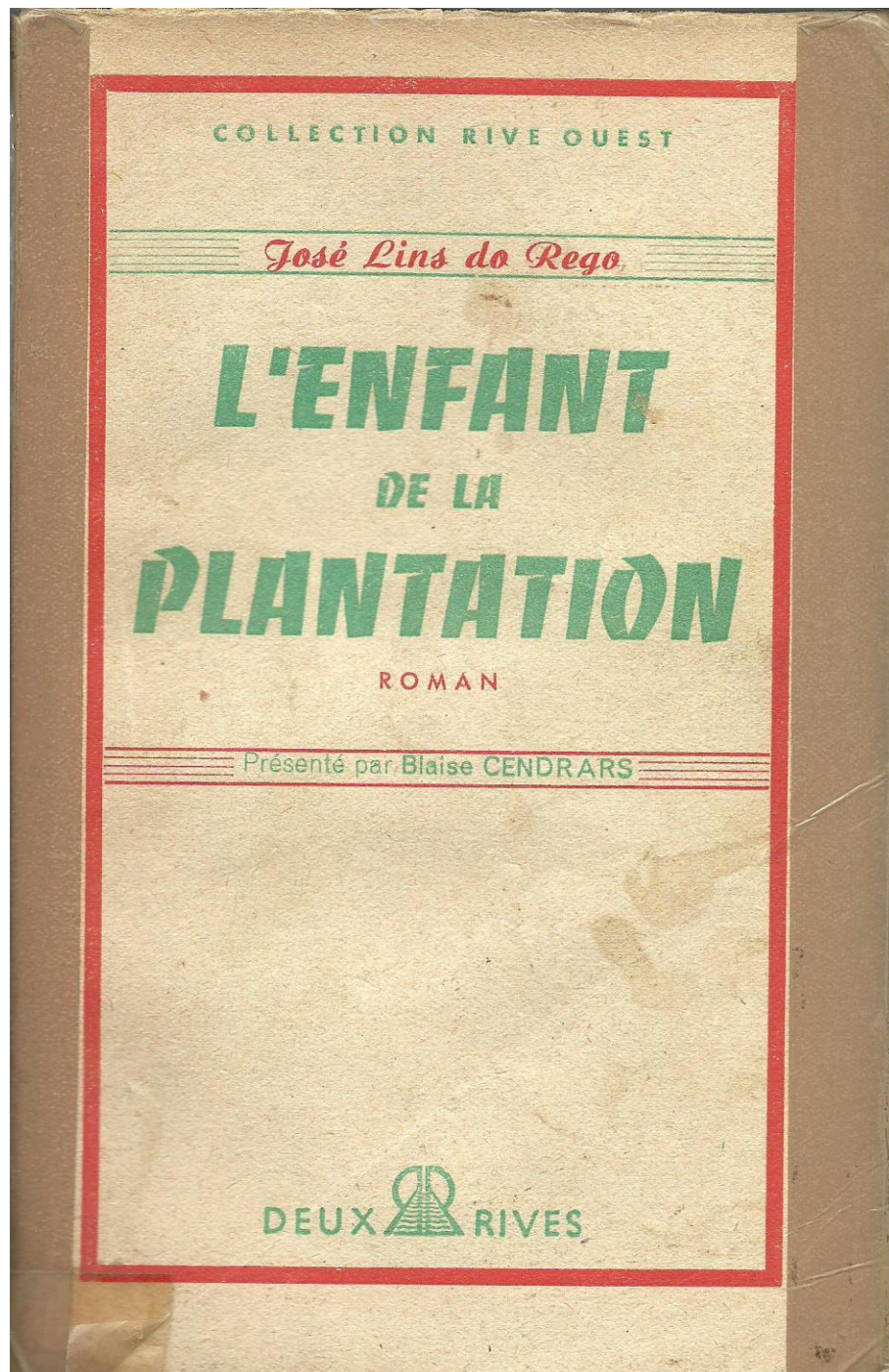


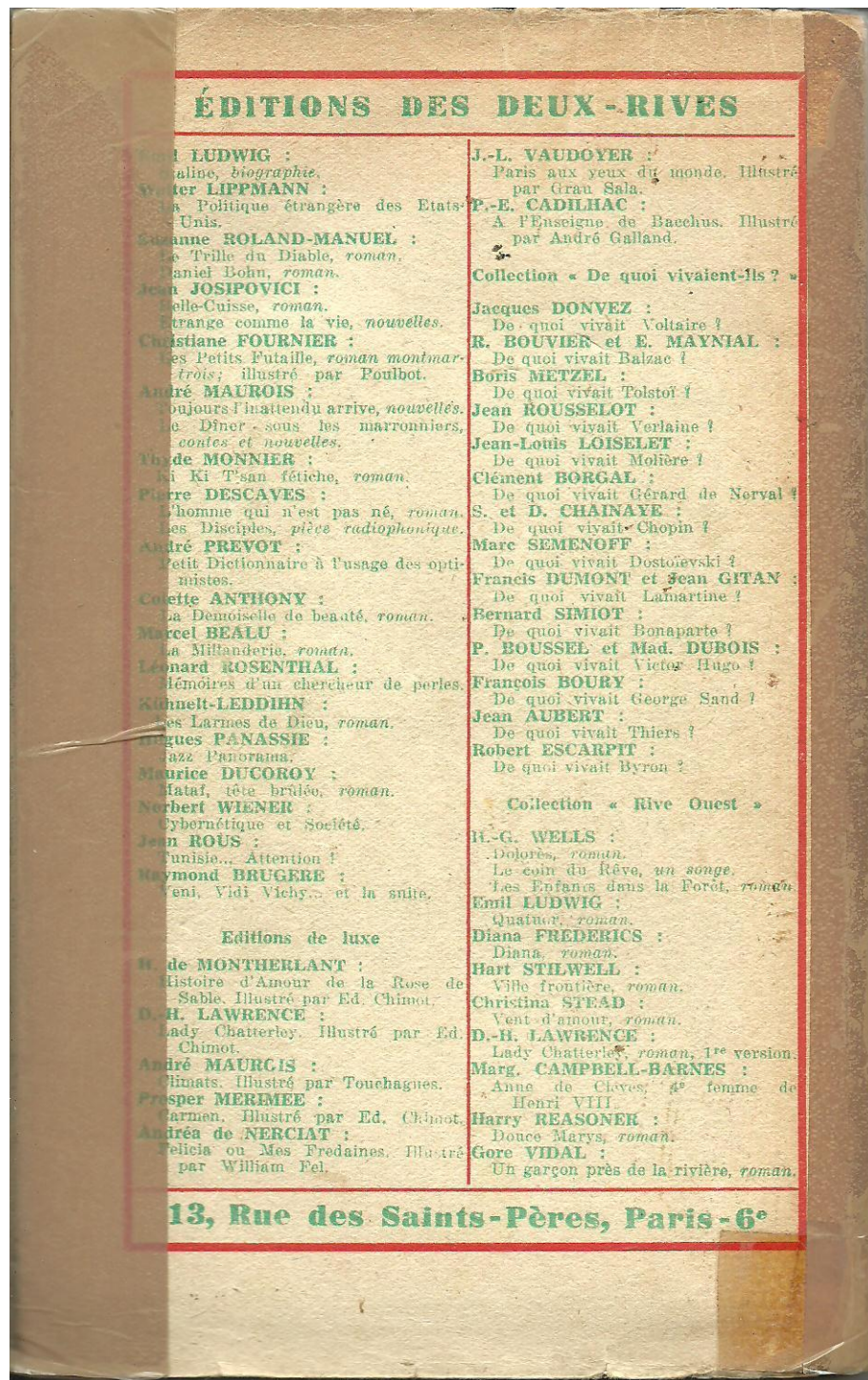
Recº firma Petro Lins do
Rego
Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1914

Em test. de verdade
M. C. Munkin

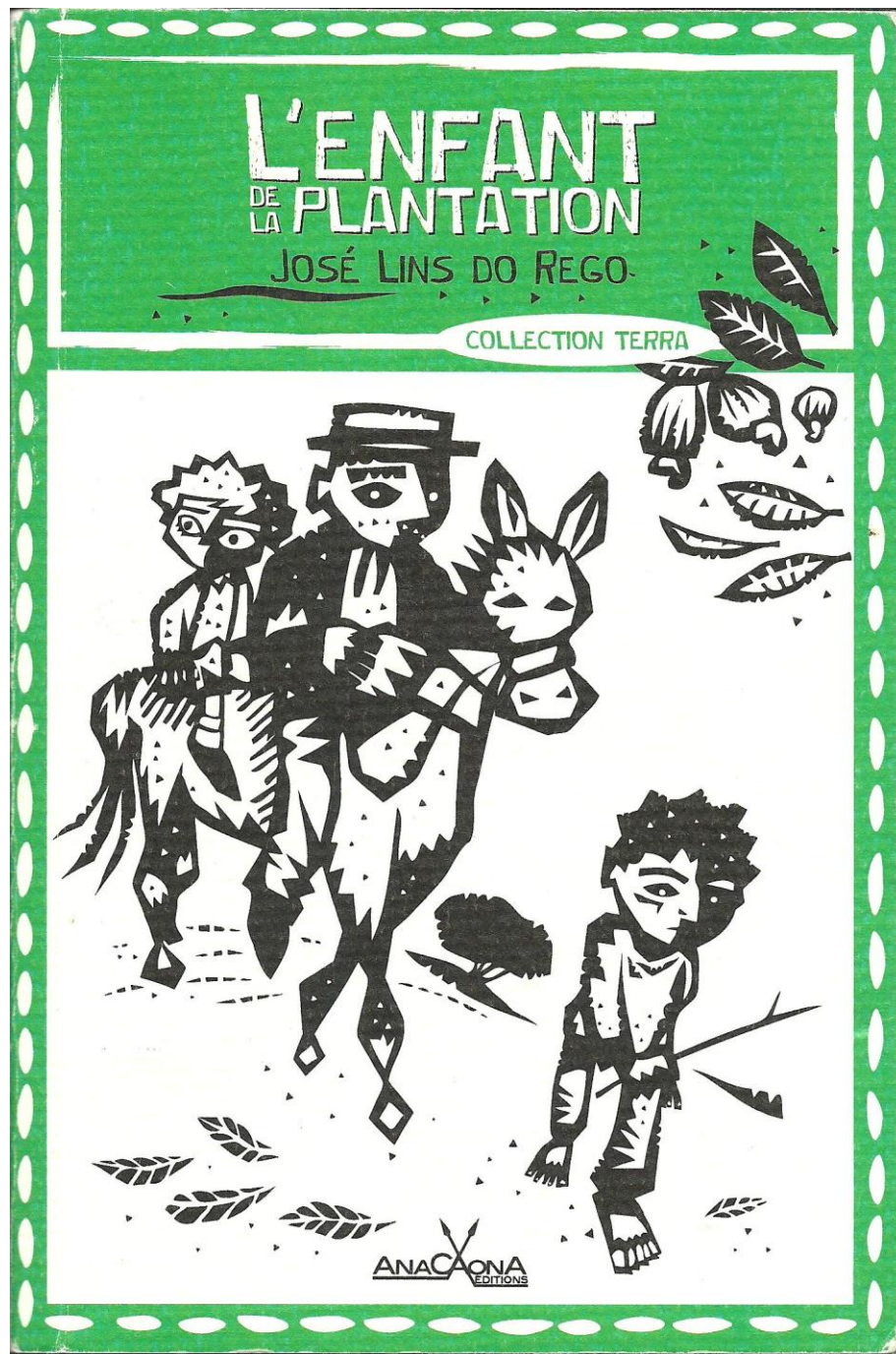


ANEXO C – Capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (1953)



ANEXO D – Quarta capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (1953)

ANEXO E – Capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (2013)



ANEXO F – Quarta capa em tamanho original de *L'Enfant de la plantation* (2013)